UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Maria Angela Araujo Gobbis Della Bella

O ensino de idiomas para a terceira idade: Enfoque específico no ensino de língua italiana.

v.1

SÃO PAULO
2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Maria Angela Araujo Gobbis Della Bella

O ensino de idiomas para a terceira idade: Enfoque específico no ensino de língua italiana.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do Grau de Mestre em Língua Italiana sob a orientação da Profª. Dr.ª Giliola Maggio de Castro.

v.1

SÃO PAULO
2007

Maria Angela Araujo Gobbis Della Bella

O ensino de idiomas para a terceira idade: Enfoque específico no ensino de língua italiana.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do Grau de Mestre em Língua Italiana sob a orientação da Profª. Dr.ª Giliola Maggio de Castro.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

_____

_____

_____

Dedicatória

A meu marido Eden pelo amor e apoio contínuo durante todos esses anos de união, e a meu filho Yuri pela compreensão, carinho e presença.

A meu pai por despertar em mim o interesse pela língua italiana.

A minha mãe pelo exemplo de força, trabalho e determinação que sempre me incentivaram a nunca desistir dos meus objetivos por mais difíceis que sejam.

Agradecimentos

À Profª Drª Giliola Maggio de Castro, por todas as horas de dedicação, apoio, orientação e incentivo somadas à cordialidade que sempre me ofereceu desde o nosso primeiro encontro.

À Profª Drª Loredana de Stauber Caprara, pelo grande exemplo de competência profissional e pela valiosa co-orientação desde o início desta pesquisa. Seus comentários e sugestões, sempre pertinentes, muito contribuíram para que meu trabalho crescesse e adquirisse maturidade.

A meus sogros Edem e Sara pelo constante e valorosíssimo apoio, ajuda e compreensão em todos os momentos.

Aos meus caríssimos alunos do Centro do Professorado Paulista - subsede Norte - que constituíram a principal fonte motivadora para o desenvolvimento desta pesquisa. São eles: Dirce, Sérgio, Dorotéia, Cida, Marilene, Alcedino, Zézé, Geannete, Anna Rita, Elena, Bianca, Angela, Sandra, Alayde, Sueli e Maria Angela.

A minha grande amiga Marisa Castellano Tsai que me apresentou a esses alunos e incentivou-me a iniciar este trabalho de Mestrado.

As Velhas Árvores

Olavo Bilac

Olha estas velhas árvores, — mais belas,
Do que as árvores mais moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas . . .

O homem, a fera e o inseto à sombra delas
Vivem livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E alegria das aves tagarelas . . .

Não choremos jamais a mocidade!
Envelheçamos rindo! Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,

Na glória da alegria e da bondade
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Resumo

Este trabalho é resultante da prática adquirida durante o ensino de língua italiana a adultos, mais precisamente, minha experiência com alunos da terceira idade.

Trata-se de um estudo feito a partir de variadas situações observadas em sala de aula com esse grupo de alunos.

Durante as aulas, fui notando que os alunos mais velhos possuem características e necessidades peculiares, as quais, até então, jamais percebera em outros grupos compostos por jovens adultos ou adolescentes.

A partir desta constatação, percebi que reorganizar, aperfeiçoar e redirecionar minha prática pedagógica tornava-se urgente caso quisesse, realmente, obter resultados satisfatórios e um bom relacionamento com esses alunos. Por esta razão iniciei leituras específicas na área de Gerontologia e, sucessivamente, em Lingüística Aplicada e Ensino de idiomas, para tentar atingir e satisfazer as necessidades que esse grupo apresentava.

Uma apresentação da chamada terceira idade, suas motivações, características, previsões para as próximas décadas, bem como o perfil do grupo com o qual trabalhei, as atividades que surtiram resultados satisfatórios e tiveram boa aceitação entre esses alunos constituem os capítulos desta dissertação.

Palavras-chave: Ensino – Italiano – Terceira Idade - Aprendizagem - Motivação

Riassunto

Questo lavoro è risultato della mia attività di insegnante di lingua italiana ad adulti, più specificamente, studenti della terza età.

Si tratta di uno studio intrapreso a partire da situazioni diverse, osservate in classe.

Durante le lezioni, notavo che gli studenti più anziani possedevano caratteristiche e necessità particolari, che, fino a tal punto, non avevo mai osservato in altri gruppi composti da adulti giovani o da adolescenti.

L'osservazione mi ha permesso di rendermi conto che, se volevo ottenere risultati soddisfacenti ed avere un buon rapporto con questi alunni, diventava urgente riordinare, aggiornare e riformulare la mia attività pedagogica. Ho iniziato perciò letture specifiche nell'ambito di Gerontologia e studi Linguistica Aplicata e Metodologia dell'insegnamento di lingua straniera per soddisfare le necessità del gruppo in questione.

Una breve presentazione delle caratteristiche della "terza età", motivazioni, caratteristiche, prospettive per il futuro e, inoltre, il profilo del gruppo con il quale ho lavorato e le attività che hanno dato risultati positivi, ben accolte questi apprendenti, costituiscono i capitoli di questo lavoro.

Parole-chiave: Insegnamento – Italiano – Terza Età - Apprendimento – Motivazione.

Abstract

This piece of work is the result of the acquired experience of teaching the Italian language to adults, more precisely, my experience teaching Italian to the elderly.

This dissertation deals with the result from a study accomplished with these students and the several situations experienced by them in the classroom.

During my lessons I could notice that these elderly students present particular traits and needs which I had never noted in other groups made up of teenagers and young adults.

Having this evidence in mind, in case I really wanted to succeed in obtaining satisfactory results and a good relationship with my elderly students, I was in urgent need of reorganizing, perfecting and restructuring my pedagogical practice. For this reason, I started reading publications about Gerontology, Applied Linguistics and about the Practice of teaching and learning foreign languages.

The chapters of this dissertation consist of a presentation of this elderly age group, their motivations, traits, previsions for the next decades, as well as a profile of the people with whom I have worked, and also the activities which resulted in positive responses and had a warm acceptance among these elderly students.

Key-words: Teaching – Italian – Elderly – Learning – Motivation.

SUMÁRIO

Introdução.....13
Justificativa.....18
Objetivos.....20
Metodologia.....20
Referencial Teórico.....22

Capítulo I – A terceira idade ou melhor idade.....25
1. A terceira idade.....25
2. Aprendizes dos 60 aos 70 anos.....29
3. O idoso hoje no Brasil 31
3.1. O idoso, sua família e a sociedade informatizada 32
4. Alunos idosos nos cursos de idiomas (enfoque específico nos alunos de língua italiana): suas motivações e objetivos.....34
4.1. O papel do desejo na aprendizagem dos idosos 34
4.2. Até que ponto o desejo joga de forma positiva com a idade cronológica e com a aprendizagem.....37
4.3. Que língua é essa buscada pelos aprendizes.....38
4.4. Motivações e processos afetivos envolvidos na aprendizagem da língua italiana ..39

Capítulo II – Algumas considerações teóricas atuantes durante o processo de aprendizagem de línguas estrangeiras.....43
1. Aquisição X Aprendizagem 43
2. A hipótese do monitor 44
3. Input – Intake – Output 46
4. Interferência, interlíngua, fossilização e transferência.....47

Capítulo III- Vivências e experiências obtidas em sala de aula.....50

1. Perfil dos alunos.....50
2. A percepção dos sujeitos em relação ao próprio envelhecimento.....52
3. Por que há mais mulheres matriculadas nos cursos de idiomas?.....57
4. Como incentivar o uso da língua estrangeira durante as aulas? 60
5. Por que o medo de errar?.....62
6. Como planejar as aulas: o que é importante ensinar.....63
7. O papel da avaliação com notas: necessidade ou (o)pressão?.....69
   7.1. Qual a melhor forma de avaliar o aluno idoso.....72
   7.2. Qual a maneira mais adequada de alertar o aluno que está aquém do desejável, sem causar constrangimento ou desestímulo?.....76

Capítulo IV – Metodologia e materiais didáticos utilizados com sucesso.....79

1. Metodologia e ferramentas utilizadas.....79
2. Principais ferramentas utilizadas em aula.....82
3. Uso das ferramentas tecnológicas: relevância na prática pedagógica.....84
4. Exemplos de algumas atividades motivadoras e que surtiram bons resultados entre os alunos.....86
   4.1. Atividade 1: Roda-Viva.....86
   4.2. Atividade 2: Sessão de Cinema com o filme *La finestra di fronte*.....88
   4.3. Atividade 3: Transmissão de uma entrevista (via Internet) captada do site www.repubblicaradio.it 91
   4.4. Atividade 4: Pesquisa e apresentação de seminários sobre uma personalidade.....93
   4.5. Atividade 5: Transcrição de letras de músicas 96

CAPÍTULO V - A terceira idade nas próximas décadas: perspectivas e necessidades.....98

1. O aumento significativo de idosos no Brasil e no mundo.....98
2. O idoso em 2020 e em 2050: perfil, desejos e necessidades.....100

Conclusão.....104

Bibliografia Utilizada.....107

Referências Bibliográficas.....110

Apêndices.....113

Anexos.....120

INTRODUÇÃO

"Que é ser velho?(...) Em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem."[1]

Conforme afirmam estudos na área de Gerontologia, devido aos avanços da tecnologia, principalmente aqueles aplicados à medicina, há um forte indício de que, por volta de 2025, aproximadamente 15% da população mundial terá acima de 60 anos. Sendo assim, é muito natural que todas as pesquisas e estudos que atendam às exigências e necessidades deste público em crescimento tornem-se de máxima relevância e sugiram portanto, novos caminhos a serem percorridos em diversos setores, ressaltando particularmente a área de Educação, com o avanço das Universidades para a Terceira Idade, que a cada ano se tornam mais populares no Brasil.

Esta constatação sinalizou um novo plano a ser traçado, possibilitando unir o trabalho de ensino de línguas que venho realizando nos últimos anos a um projeto de pesquisa que busque e invista na qualidade do ensino voltado ao público idoso. Trata-se de um trabalho que busca atingir resultados que beneficiem os dois grandes envolvidos neste processo de ensino: professores e alunos maduros, sendo que, estes últimos merecem o mesmo cuidado pedagógico que tem sido destinado a crianças e jovens.

Terminei a graduação em Letras (Português/Italiano) no ano de 1992 na Universidade de São Paulo e no ano de 1993, terminei o curso de Licenciatura nesta mesma instituição. Alguns meses antes da conclusão do curso de Licenciatura iniciara ministrando aulas de italiano numa escola estadual, no bairro do Ipiranga, onde funcionava um Centro de Línguas. O público-alvo

[1] Marilena de Souza Chaui, (p. XVIII) citando Ecléa Bosi (1987, p. 37) apresentando a referida obra de Bosi.

desses Centros de Línguas eram adolescentes, alunos da rede pública estadual a partir da 7ª série. Foi a minha primeira experiência como professora de língua italiana.

Permaneci nesse Centro de Línguas até 1995, quando fui convidada a trabalhar numa escola em que os alunos tinham aulas de língua italiana em seu currículo desde o Jardim de Infância até a 8ª série. Pela primeira vez, tive a oportunidade de dar aulas para crianças que variavam dos 04 aos 10 anos. Foi uma experiência diferente, não posso afirmar que foi satisfatória, pois percebi rapidamente que não me sentia à vontade com crianças pequenas e muito menos com pré-adolescentes, os quais, em ambos os casos, exigiam uma metodologia totalmente diferente daquela que até então costumava utilizar. Mesmo assim permaneci nesta escola até 1998.

Algum tempo depois, fui convidada a dar aulas de italiano no curso extracurricular da Faculdade de Direito da USP (Largo São Francisco) e mais uma vez outra novidade: desta vez iria trabalhar só com adultos. A partir de então, percebi que o trabalho com adultos me agradava muito mais. Sendo assim, passei a preferir grupos que fossem, em sua maioria, compostos por adultos.

Em 2003, assumi dois grupos de italiano junto ao Centro do Professorado Paulista, na cidade de São Paulo, no bairro de Santana, cujo público-alvo é, em grande maioria, composto por profissionais do ensino aposentados e acima dos 50 anos.

Esta experiência foi decisiva na escolha do tema de meu projeto de mestrado, pois percebi que, assim como as crianças, as pessoas mais maduras precisam de metodologia e didática adequadas às suas necessidades e expectativas, com uma única diferença: enquanto há inúmeros estudos na área de Educação voltados para crianças e adolescentes, o interesse em pesquisas

educacionais voltadas ao público idoso está apenas começando a crescer, principalmente por causa do avanço das Universidades da Terceira Idade e o crescimento desse público nos últimos anos.

Durante minha experiência como monitora bolsista no curso de italiano extracurricular da FFLCH – *Italiano no Campus*, notei que o número de alunos de 3ª idade em diversos idiomas vem aumentando a cada ano, mais uma razão pela qual serão de grande relevância todas as pesquisas que se desenvolverem nesta área.

NECESSIDADES E QUESTIONAMENTOS QUE FORAM SURGINDO DURANTE MINHA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DA TERCEIRA IDADE

Ao desenvolver meu trabalho docente com alunos idosos, percebi que algumas situações não ocorriam quando trabalhava com um público mais jovem. Notei que algumas atividades eram muito bem recebidas pelos alunos, enquanto outras causavam-lhes desconforto. A partir desta observação, comecei a aumentar a freqüência daquelas que eram mais produtivas e, na medida do possível, reduzindo as que mais lhes desagradavam, mantendo-me atenta para adequar estas modificações às atividades didáticas propostas.

No mesmo período, iniciei uma serie de leituras para me orientar melhor nesse tipo de ensino que tanto me agradava. O relato dessas leituras e os resultados conseguidos através delas estão na base do meu trabalho de dissertação.

Dentre as atividades de baixa receptividade apareciam os exercícios de audição e repetição de diálogos, exercícios de substituição de estruturas semântico-gramaticais resolvidos em sala, sem elaboração prévia dos mesmos em casa com mais calma, bem como a utilização do laboratório de informática.

Em relação à primeira atividade de baixa receptividade, observei nos alunos alguma dificuldade em memorizar, repetir toda a seqüência e captar rapidamente o sentido da mesma. Em relação ao uso de computadores, notei algum desconforto e até mesmo um pouco de resistência em querer aprender e utilizar adequadamente todos os recursos que tais ferramentas oferecem.

Por outro lado, a forma como esses adultos interagem em aula com seus pares e com o professor é muito peculiar. O ambiente é de muita descontração, gostam de estar sempre próximos ao professor e a cooperação entre todos é uma constante, tornando a aula um verdadeiro evento social, um ponto de encontro, um espaço de convivência, onde, além de aprender, compartilham experiências pessoais e criam um forte vínculo de amizade.

Diante deste quadro, alguns questionamentos foram surgindo e decidi buscar respostas não só para mim como para qualquer pessoa que se interessasse pelo tema.

As principais questões que surgiram foram:

- Por que a escolha da faixa etária dos 60 aos 70 anos?
- O que o aluno idoso busca ao iniciar um curso de idiomas quando, profissionalmente, já está fora da competitividade do mercado de trabalho? Quais suas expectativas com o curso?
- Que papel o aprendizado da língua italiana exerce no imaginário destes indivíduos?

- Quem é o idoso hoje e como o será daqui a 20 ou 50 anos? Como preparar uma metodologia que esteja adequada ao idoso de hoje e do futuro?
- Como o professor deve agir e se orientar diante destes alunos?
- Avaliação: como aplicá-la e até que ponto torna-se necessária a este público?
- Uso das ferramentas tecnológicas: diversão, necessidade ou obrigação?
- O papel do idoso na sociedade futura: quais serão suas necessidades e como será sua participação?
- Por que as mulheres estão em maioria entre os aprendizes?

Assim sendo, os tópicos elencados acima serviram como ponto de partida para a elaboração de dois questionários[2], cujos resultados foram bastante úteis para dar suporte à formulação e desenvolvimento dos capítulos deste trabalho.

O Capítulo I inicia com uma breve apresentação da chamada Terceira Idade, suas necessidades, intenções e seu papel na sociedade moderna. Também mostra quais são os desejos e motivações que levam os alunos mais velhos a estudar a língua italiana.

No Capítulo II há uma apresentação de caráter referencial e teórico sobre os processos que envolvem o ensino e o aprendizado de idiomas. Estes conceitos teóricos são exemplificados através do contato e das experiências obtidas em sala de aula.

[2] Cf. Apêndices pp. 113-119

No Capítulo III o perfil dos alunos, suas vivências e percepções em relação ao mundo e ao próprio processo de aprendizagem, é delineado, bem como reflexões sobre avaliação, notas e mudanças no processo de aprendizagem dos alunos.

No Capítulo IV são evidenciados alguns exemplos de experiências metodológicas, isto é, atividades que foram bem recebidas e produziram resultados positivos com estes alunos.

No Capítulo V há algumas previsões sobre a participação e a condição dos idosos daqui a 20 e 50 anos, baseadas em observações da sociedade atual.

JUSTIFICATIVA

A escolha do tema deveu-se a algumas peculiaridades observadas durante minha experiência como professora de língua italiana, trabalhando com alunos de diferentes faixas etárias, especialmente aqueles com mais de 60 anos.

Percebi que alguns alunos mais velhos, principalmente aqueles distanciados da escola há muitos anos, demonstravam certa insegurança em relação a sua capacidade de aprendizagem, bem como uma leve dificuldade para executar determinadas atividades propostas em sala de aula.

A necessidade de entender esse processo e formular estratégias diferenciadas que estimulem e facilitem o aprendizado nessa faixa etária, torna-se necessária para que esses alunos possam desfrutar das vantagens em aprender um idioma e também, para que este aprendizado

seja benéfico, proporcionando-lhes bem-estar, confiança, dinamismo e participação, superando, inclusive, algumas crenças negativas[3] que, muitas vezes, distancia o aluno idoso dos cursos de idiomas.

Dentre as crenças mais comuns sobre o aprendizado do idoso, estão as de que ele possui raciocínio lento, tem dificuldades de memorização e pronúncia, além de problemas físicos (principalmente auditivos e visuais) e psicológicos (principalmente a depressão e o sentimento de inferioridade) que muitas pessoas, erroneamente, crêem atingir somente aos mais velhos.

Na verdade, todas essas crenças construídas e alimentadas pela própria sociedade, só têm contribuído para gerar estereótipos que causam prejuízos tanto para alguns professores, que as julgam reais, como para os próprios idosos, os quais, muitas vezes, acabam absorvendo e validando esse pensamento.

Aos professores, o prejuízo se dá quando acabam ensinando e exigindo um conteúdo muito abaixo do que seria o normal, desmerecendo o potencial dos alunos. Já aos idosos, pode levá-los a não perseguir e realizar seus sonhos, isto é, deixando de lado o desejo de aprender e de se lançarem aos desafios, desvalorizando suas próprias capacidades.

Diante de um sistema cultural educacional que sempre privilegiou a infância e a juventude, pesquisar e incrementar novas perspectivas didáticas e metodológicas dirigidas aos idosos torna-se necessário, principalmente, pela razão do destaque e crescimento que o público

[3] Crenças de identidade limitadoras – Limitam o pensamento da pessoa sobre si mesma e o que podem ou não podem fazer. Ex: “Não sou bom em idiomas”. (Dilts, Robert. *Crenças – caminhos para a saúde e o bem- estar*. São Paulo: Summus, 1993).

idoso vem ganhando nos últimos anos, mostrando que ainda está apto para enfrentar novos desafios, romper barreiras e superar dificuldades.

A finalidade de todo esse empenho é fazer com que vivam melhor consigo mesmos e com o mundo ao seu redor, constituindo assim, um exemplo para as novas gerações.

OBJETIVOS

Compartilhar leituras, experiências e procedimentos metodológicos que ajudem resolver e facilitar o trabalho docente diante de algumas necessidades e situações comuns, observadas durante a minha experiência de ensino voltada a um público mais velho (entre 60 e 70 anos).

Procurar aprimorar uma metodologia direcionada a essa faixa etária, sinalizando os melhores caminhos e decisões a seguir durante o processo de ensino de idiomas, para que, docentes e discentes possam ter uma relação mais harmoniosa, sólida e profícua durante o curso.

Mostrar como é o aluno idoso de hoje, suas necessidades, seus sonhos e modo de vida, e fazer um prognóstico de como será o seu perfil no futuro.

METODOLOGIA

Para desenvolver este trabalho, foi utilizada como referência, minha própria prática docente dirigida a dois grupos de alunos com idades que variavam de 55 a 75 anos, junto ao CPP (Centro do Professorado Paulista), subsede Santana.

A grande maioria desses alunos de terceira idade são mulheres, aposentadas, possuem nível universitário e pertencem à classe média ou média-alta.

Sendo grupos de nível avançado, o material didático utilizado em aula é bastante variado e o conteúdo bastante flexível. Trabalha-se com textos jornalísticos, literários, músicas, biografias, curiosidades da cultura italiana, receitas culinárias, diálogos extraídos de situações reais e, sempre que necessário, exercícios gramaticais a fim de rever alguns tópicos considerados pertinentes, escolhidos em conjunto com o grupo. Os alunos, por não estarem mais seguindo nenhum livro didático, ficam mais livres para escolher, com o professor, o conteúdo a ser trabalhado. No final de cada semestre, lêem alguma obra em língua italiana e, no reinício das aulas, apresentam-na aos colegas em forma de seminário.

Há liberdade na escolha da obra a ser lida, com controle apenas do nível de dificuldade, que deve ser condizente com o conhecimento em L2 possuído pelo aluno para que não haja desestímulo e frustração.

Também foram elaborados dois questionários de sondagem: um direcionado aos alunos de terceira idade e outro a 22 professores de idiomas (FFLCH- extracurricular e do próprio CPP), que tivessem alunos idosos em seus grupos.

Os resultados obtidos através destes questionários, juntamente à pesquisa bibliográfica e as observações empíricas de meu trabalho docente foram as bases metodológicas utilizadas para a elaboração dos capítulos da dissertação que será desenvolvida.

REFERENCIAL TEÓRICO

Durante a pesquisa e o desenvolvimento dos capítulos deste trabalho, foram consultadas obras dentro de três principais linhas: na área de Gerontologia, seguida da área de Lingüística Aplicada e Metodologia de Ensino de Idiomas.

Começando pela área de Gerontologia, destacam-se as obras de Anita Liberalesso Neri, Ligia Py, Ecléa Bosi e Simone de Beavoir que, em seus estudos, procuram mostrar as principais nuanças que permeiam o processo do envelhecimento, o qual, assim como a infância ou a adolescência, também possui particularidades que precisam ser reconhecidas, entendidas e respeitadas.

Nessas obras, o idoso observado está inserido em meio às grandes transformações da sociedade moderna e, neste ambiente, seus principais anseios, perspectivas e também dificuldades são evidenciados. Ora de forma mais positiva, ora mais negativa, as autoras revelam o universo que circunda o idoso, um universo que o conduz ao futuro, instigando-o a traçar novos planos, realizar-se e, principalmente, continuar sonhando. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, principalmente as mais jovens, nota-se que envelhecer pode marcar o início de grandes realizações, aquelas que foram deixadas de lado por razões diversas durante a juventude ou idade adulta.

Além dos aspectos acima ressaltados, as obras na área de Gerontologia apontam para um aumento considerável da população idosa nos próximos anos e, por isso, a grande preocupação dos gerontólogos para que se intensifiquem cuidados físicos e psicológicos desde a fase adulta, os quais garantirão um envelhecimento tranqüilo, saudável e o mais natural possível.

Sob essa perspectiva é que estudos e investimentos voltados à terceira idade não param de crescer e, cada vez mais, pode-se notar um aumento significativo de Universidades que abrem suas portas para absorver o público de terceira idade, além de Centros e Associações (públicos ou privados) que promovem diversos cursos e atividades físicas direcionadas aos idosos. Consequentemente, profissionais das mais diferenciadas áreas, devidamente capacitados, estão sendo requisitados cada vez mais para interagir com esse público com amplas perspectivas de atuação.

Na área de Lingüística Aplicada, destacam-se Krashen, Moita Lopes e Revuz discorrendo sobre os processos conscientes e inconscientes, bem como as motivações e filtros afetivos que interferem no aprendizado de língua estrangeira. Observam também algumas diferenças individuais e psicológicas que podem ajudar ou dificultar esse processo, além de evidenciarem alguns mecanismos pelos quais todos os estudantes de língua estrangeira passam. Dentre estes mecanismos, destacam-se a interlíngua, as interferências e transferências que variam sua intensidade de indivíduo a indivíduo. Abordam também a famosa dicotomia existente entre aquisição e aprendizado em língua estrangeira.

Finalmente na área de Metodologia de Ensino de idiomas destacam-se as obras de Ciliberti, Balboni e Rivers, as quais proporcionaram muitas reflexões que deram suporte à elaboração de alguns capítulos deste trabalho.

Através dessas leituras, constata-se a eficácia, ou não, que alguns procedimentos metodológicos e ferramentas de apoio, amplamente divulgados, rendem às aulas de idiomas. Percebe-se, por exemplo, a importância de habituar os alunos aos sons do idioma estrangeiro, seja

através de audição de canções, diálogos de situações reais e entrevistas, seja através da exibição de filmes ou documentários.

Nota-se também que os professores precisam conhecer diversas técnicas, materiais didáticos e ferramentas para utilizá-las em suas aulas, diversificando sua prática pedagógica e otimizando o aprendizado de seus alunos. Para que isso ocorra, é necessário que se atualizem constantemente, buscando inovações, pesquisando e aplicando em sala as descobertas feitas, observando quais surtem melhores resultados e quais precisam ser reavaliadas ou substituídas. Muitas vezes, uma atividade pode funcionar muito bem num grupo e mal em outro. Tudo isso requer observação apurada do professor para que possa discriminar o perfil e o gosto de cada grupo e assim, poder escolher com maior eficácia as atividades adequadas a cada um.

CAPÍTULO I - A “TERCEIRA IDADE” OU MELHOR IDADE

IDOSOS OU VELHOS?

(...) Idosa é uma pessoa que tem muita idade. Velha é a pessoa que perdeu a jovialidade.
Você é idoso quando sonha. É velho quando apenas dorme.
Você é idoso quando aprende. É velho quando já nem ensina. (...)
Em resumo, idoso e velho são duas pessoas que até podem ter a mesma idade no cartório, mas têm idades bem diferentes no coração. Se você é idoso, guarde a esperança de nunca ficar velho.

(Revista – Equipes de Nossa Senhora, São Paulo, Carta mensal n°406, p. 48, Fev / Março 2005)

1. A TERCEIRA IDADE

Anita Liberalesso Neri (2000) afirma que a denominação *terceira idade* surgiu na Europa, mais precisamente na França, na década de 60 para designar a idade em que a pessoa se aposenta e também como alternativa mais agradável e soante ao termo *velhice*, carregado de um peso muito negativo ao ouvido de idosos e não idosos.

A autora também comenta que esta denominação seria uma metáfora para designar as três idades ou fases pelas quais passamos: a primeira é a infância, a segunda é a vida adulta e a terceira teria início com a aposentadoria e estaria relacionada a um período de baixa perspectiva em relação ao futuro.

Alguns autores acreditam que a denominação *terceira idade* serve para designar um novo modo de envelhecer, cujos significados foram construídos no século XX. Seria uma representação positiva do envelhecimento, conservando a esperança, a saúde, a alegria, o desejo

de estar sempre aprendendo algo novo, a jovialidade, a vida sexual e afetiva, enfim, preservando atributos que até então estavam associados exclusivamente à juventude.

Sendo assim, termos como *maior idade, melhor idade, maturidade, adulto maduro* e o mais comum, *terceira idade,* começaram a povoar nosso cotidiano para denominar pessoas que já viveram mais tempo, mas que ainda têm muitos ideais e vontade de viver.

Em sua tese de mestrado, Pizzolatto(1995) diz que não há um consenso sobre em qual idade cronológica se dá o início da chamada terceira idade. Alguns geriatras defendem que começa aos 60 anos, outros afirmam que inicia aos 70, outros dizem ainda que o processo de mudanças físicas, psicológicas e sociais torna-se mais perceptível a partir dos 45 anos. Por conta de toda esta divergência de opiniões, a ONU estabeleceu que a idade que demarca o início da velhice seria 60 anos nos países em desenvolvimento e 65 nos países desenvolvidos, idade esta que, provavelmente, tende a aumentar, pois, com o aumento gradativo do público idoso nos últimos anos, as aposentadorias serão mais tardias.

Na verdade, todas essas categorizações tornam-se frias e muito distanciadas do sujeito em questão. Se perguntarmos o que é ser velho a pessoas de diferentes idades, teremos as mais variadas respostas, já que esta definição exprime um estado extremamente subjetivo, interno ao sujeito e, portanto, passível de diversas formas de classificação e transformação da sociedade em que vivemos.

De acordo com o professor José Francisco P. de Oliveira, mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), em sua palestra proferida no III Congresso de Geriatria e Gerontologia do Rio de Janeiro, denominada **Marcas do Tempo-Envelhecimento: A**

família e sua trajetória entre valores e gerações [4], existem dois tipos de palavras empregadas pelos antigos gregos para denominar o tempo: *kronos* e *kairós. Kronos* seria o tempo do calendário, o tempo cronológico, ao qual nós não somos propriamente sujeitos; o tempo medido por unidades convencionais e arbitrárias em que um ano será um ano, um século será um século e assim sucessivamente. Portanto, um tempo inexorável, que passa por nós e nos faz passar por ele sem que nele possamos interferir ou atuar. O *kairós*, entretanto, seria o tempo do qual não somos sujeitos e sim senhores. O tempo que não é medido por unidades referenciais, mas que se cria, existe, vale e dura, na proporção da intensidade com que o vivenciamos e experimentamos: cinco minutos de espera pela pessoa querida podem parecer várias horas e, por outro lado, várias horas ao lado desta mesma pessoa podem parecer cinco minutos.

Citando alguns trechos da obra de Simone de Beauvoir (1970, pp.8-21), pode-se chegar a uma definição do que seja esta relação dialética entre o tempo cronológico e o "kairótico" (assim o denominarei) citado anteriormente:

> A transformação que passamos é gradual, mal nos damos conta dela.
>
> Hoje somos como ontem e amanhã seremos como hoje. Avançamos assim, sem o perceber (...)
>
> Como em nós, o velho é o outro, a revelação de nossa idade vem, normalmente, dos outros. (...) Vemos nossos próximos e sentimos também um choque ao lhes descobrir a velhice (pressentimos que também a nós o tempo nos tenha metamorfoseado).
>
> A velhice aparece com maior clareza aos olhos dos outros que aos do próprio sujeito; é um novo estado de equilíbrio biológico. Quando a adaptação se opera sem choques, o indivíduo não se dá conta do envelhecimento.

[4] Cf. Ref. Bibl. p.111

E ainda:

> O indivíduo idoso sente-se velho através dos outros, sem ter experimentado mutações graves; interiormente ele não adere ao rótulo que lhe aplicam: não sabe mais quem é (...). A verdade objetiva da idade continua sendo, para nós, mera aparência enquanto o sentimento interno de juventude permanece vivaz; temos a impressão de haver assumido uma máscara alheia.

Diante desta concepção é possível observar que há indivíduos cronologicamente jovens que se percebem “kairoticamente” velhos, outros, cronologicamente velhos sentindo-se em plena juventude.

Em sua tese de Mestrado, Mariúza Pelloso Lima dedica também algumas linhas sobre este estado temporal denominado “kairós”, o qual, segundo ela, significa o idoso sendo sujeito do tempo, do tempo em que ele habita, que vive o seu presente, sentindo-o enquanto está vivendo, em direção a um futuro e não ao fim, preservando suas experiências vividas, reorganizando-as sempre. A autora cita ainda as palavras de Elizabeth F. Mercadante, “Pensar Kairós significa romper com o entendimento da velhice como um estigma e de se pensar o velho como um sujeito pleno de desejos, e também sujeito de seu próprio destino” (MERCADANTE,1998, p.29 *apud* LIMA, M. P., 2000, p.28).

Na verdade, independentemente de qual seja a idade inicial da chamada terceira idade, o fato é que há um crescente número de pessoas idosas vivendo “kairoticamente”, isto é, complementando-se continuamente através de atividades relacionadas à aprendizagem, seja esta de idiomas, de práticas esportivas, artes, medicina alternativa ou qualquer outra.

2. APRENDIZES DOS 60 AOS 70 ANOS

A faixa etária escolhida para esta pesquisa ficou entre os 60 aos 70 anos, variando, ocasionalmente, um pouco acima ou abaixo deste limite. A escolha deveu-se, principalmente, à grande quantidade de alunos dentro desta faixa etária nos grupos que serviram como objeto de estudo para o trabalho.

Outro fator motivador nesta escolha foi também porque os idosos nesta faixa etária estão mais abertos ao desenvolvimento cognitivo, sendo assim, ficam mais propensos a buscar atividades que exercitem sua inteligência e raciocínio até mesmo como prevenção de enfermidades neurológicas.

Percebe-se também que os idosos vêm demonstrando estar cada vez mais atuantes e mais preocupados com seu próprio bem-estar físico e psicológico e, por isso, procuram exercer atividades em que possam se afirmar como indivíduos tão capazes quanto qualquer outro. Entre as atividades escolhidas, destacam-se desde cursos de informática, idiomas até atividades esportivas como ciclismo, musculação, corrida, natação, dentre outros.

Estudos científicos realizados a partir dos anos 90 descobriram que o cérebro pode produzir novas células, formar novas conexões e sinapses em qualquer idade. Quanto maior forem os estímulos e a atividade cerebral, maior será a chance de produzir novas conexões e, consequentemente, manter a mente saudável e ativa. Portanto, quanto mais ativo o idoso se mantiver, mais chances terá de preservar seu cérebro em perfeito funcionamento.

Chopra afirma que: “Uma descoberta encorajadora, é que, ao manter-se ativo, o idoso pode continuar produzindo novos dendritos o tempo todo. É encorajador saber que o cérebro possui seus próprios mecanismos para se ativar na velhice” (CHOPRA, 1995, p.292 *apud* LIMA, 2000, p.52).

Estes adultos maduros parecem sentir uma forte necessidade de aproveitar ao máximo todo o tempo que possuem. Cada dia transcorrido simboliza mais uma conquista, mais uma etapa superada, uma chance a mais para aproveitar o momento presente e continuar participando, evoluindo, aprendendo e fazendo o que gostam e julgam ser realmente relevante em suas vidas. Finalmente é chegado o momento em que todas as escolhas são feitas exclusivamente por prazer, não mais por obrigação como quando eram mais jovens.

A curiosidade, o desejo de encontrar as chaves que possibilitem a abertura de uma gama enorme de portas que conduzirão ao mundo mágico de novas descobertas surgem como um novo desafio, o qual, propiciará ao idoso uma nova maneira de viver, uma nova forma de se enxergar e se projetar em direção ao futuro.

Mais uma vez, outra citação de Chopra define bem este estado do sujeito construindo seu próprio crescimento e em busca de realizações: “Qualquer que seja sua idade, seu corpo e mente não passam de uma minúscula fração das possibilidades ainda abertas a você – sempre há um número infinito de novas habilidades, insights e realizações à frente.” (CHOPRA, 1995, p.307, *apud* LIMA, 2000, p.55)

3. O IDOSO HOJE NO BRASIL

Nos últimos anos, tantas pesquisas e descobertas na área da saúde aumentaram não só a qualidade de vida, como também a perspectiva de longevidade da população brasileira. É claro que quanto maior for o nível socioeconômico, maior será esta perspectiva devido às facilidades que estão à disposição destes indivíduos, como tratamentos médicos, atividades físicas e lazer. Por essa razão, é muito comum encontrarmos idosos de níveis sócioeconômicos mais elevados em plena forma, tanto física como intelectual, exercendo as mesmas funções que costumavam exercer aos 30 ou 40 anos e com a mesma disposição e paixão de antes. Em alguns casos, diria-se até melhor, pois, agora, vivem livres de algumas obrigações que antes os sobrecarregavam como, a criação dos filhos, compromissos profissionais e falta de tempo para o lazer.

Com mais tempo para si mesmos, os idosos buscam atividades que proporcionem não só prazer como benefícios à saúde. Engajar-se em atividades como cursos de idiomas, música, dança e atividades físicas que, segundo especialistas, além de contribuir positivamente na prevenção de doenças degenerativas, trazem mais disposição (física e mental), propiciam uma melhor sociabilização e contribuem para a diminuição de possíveis momentos de depressão ou solidão.

O aumento da população idosa fez com que as autoridades brasileiras começassem a promover direitos e facilidades a este novo público emergente, o qual exigia um olhar mais atento e necessitava de certas garantias para interagir em uma sociedade que prioriza a juventude, a beleza e a força física e exclui, veladamente, aqueles que estão fora destes padrões.

Leis como a da isenção de pagamento pelo transporte público, assento reservado em transportes coletivos, prioridade de atendimento em serviços públicos, descontos na compra de

medicamentos, facilidade para ingressar em Universidades ou para entrar em cinemas, teatros, ou outros locais de cultura e entretenimento foram algumas, dentre outras conquistas aprovadas pelo governo, a fim de assegurar aos idosos condições favoráveis para continuar participando do mundo moderno.

O caminho a ser percorrido ainda é longo e muitas mudanças ainda poderão surgir no que tange a um comportamento menos discriminatório e mais respeitoso por parte dos políticos, da mídia e da sociedade em relação às necessidades deste público que aumenta a cada ano e que merece dignidade, respeito, atenção e garantia da observação e cumprimento de seus direitos enquanto cidadãos e, principalmente, enquanto contribuintes.

3.1. O IDOSO, SUA FAMÍLIA E A SOCIEDADE INFORMATIZADA

Infelizmente, mesmo com todos os avanços conquistados, alguns idosos, principalmente aqueles que se encontram acima dos 80 anos e possuem algum problema de saúde, acabam sofrendo certa pressão de familiares, os quais, monitoram e impacientam-se constantemente diante de qualquer deslize cometido pelo idoso. Muitas vezes, o mesmo deslize seria perfeitamente aceito numa pessoa mais jovem. Conforme analisa Camarano (2002), ainda que em muitas famílias o idoso seja o único que possui renda fixa e, portanto, contribui significativamente com as despesas da casa e ajuda nas atividades domésticas, mesmo assim, sente-se esquecido e isolado por familiares mais jovens e diminuído pela sociedade.

Ecléa Bosi (1987, p.34) observou que em alguns casos, o próprio idoso ao absorver a ideologia do lucro e da eficácia repete: **"**É assim mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços...Para que serve um velho, só para dar trabalho..."

Embora este tipo de pensamento esteja se transformando em uma visão mais positiva em relação ao envelhecimento, percebe-se que alguns idosos, principalmente aqueles de situação econômica mais baixa, ainda se sentem sós e sem armas para lutar e garantir direitos que minimizem as diferenças em todos os níveis (emocional, intelectual e físico) e, principalmente, na execução de tarefas tipicamente da era tecnológica, as quais, mais os distanciam dos jovens. Dentre estas tarefas, destacam-se o manuseio e utilização de aparelhos elétrico-eletrônicos principalmente celulares e computadores, cujas funções e modelos modernizam-se dia após dia, acarretando várias dificuldades de adaptação e utilização às pessoas mais velhas.

Felizmente, este problema está sendo pouco a pouco sanado, pois, diversos cursos de informática voltados ao público idoso vêm sendo oferecidos, principalmente nos grandes centros urbanos. Indivíduos que hoje possuem entre 60 a 70 anos estão tentando familiarizar-se cada vez mais com essas novas tecnologias com a intenção de se integrarem mais a essa sociedade informatizada, melhorando a auto-estima e diminuindo, neste sentido, a distância entre as gerações.

Desta forma, pelo que se pode observar, é bem provável que a terceira idade brasileira de 2020 esteja naturalmente adaptada às diversas novidades e ferramentas tecnológicas e, conseqüentemente, mais integrada, atuante, consciente e zelosa de seu papel na sociedade.

O idoso, principalmente aquele que hoje vive em grandes centros urbanos, está se tornando um cidadão mais participativo, que busca se posicionar, ser ouvido em suas necessidades e deixar sua contribuição para as gerações mais novas, a fim de que estas encontrem maiores facilidades e maior respeito em todos os níveis. Está trilhando seu caminho num esforço contínuo, muitas vezes solitário, porém, significativo e exemplar, para que, pouco a pouco, a compreensão, cooperação, integração e respeito sejam elos que interliguem todas as gerações.

4. OS ALUNOS IDOSOS DOS CURSOS DE IDIOMAS (ENFOQUE ESPECÍFICO NOS ALUNOS DE LÍNGUA ITALIANA): SUAS MOTIVAÇÕES E OBJETIVOS

> (...) Ademais, é o homem, e somente ele, capaz de transcender. [...] A sua transcendência está também para nós, na raiz de sua finitude. Na consciência que tem desta finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador. [...] No ato de discernir, porque existe e não só vive, se acha a raiz, por outro lado, da descoberta de sua temporalidade, que ele começa a fazer precisamente quando, varando o tempo, de certa forma então unidimensional, atinge o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se . [...] Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo - o da História e o da Cultura. (FREIRE, P., 1971. *Educação como prática da liberdade.* 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.39-41)

4.1. O PAPEL DO DESEJO NA APRENDIZAGEM DOS IDOSOS

Mesmo sabendo-se que o desenvolvimento do potencial de um indivíduo não se encerra na velhice, resta, principalmente entre os mais jovens, uma curiosidade: que desejo é esse que

leva uma pessoa já descompromissada com a competitividade do mercado de trabalho após aposentadoria, filhos criados e netos a buscar novos conhecimentos, principalmente, aprender uma língua estrangeira?

Seria para viajar? Também, porém, não é apenas isso. Como se tem observado entre os alunos de terceira idade matriculados em cursos de idiomas, o principal motivo deste novo empenho está em um forte desejo de auto-afirmação e auto-realização como pessoa.

Lapassade (1975, pp.13-41) convida-nos a refletir sobre o inacabamento do sujeito. Parte da constatação de que o homem nasce e permanece inacabado ao longo da vida. Insiste que o ser humano jamais estará pronto, mas sim em um constante processo de construção, portanto, de aprendizagem, até seu último suspiro. A continuidade de sua formação, num mundo que está em constante transformação, torna-se uma necessidade.

Justamente por se sentir já liberto dos compromissos e obrigações de outrora (trabalhar, cuidar da casa e da criação dos filhos), o/a idoso/a pode, então, buscar e dedicar-se a atividades que realmente sejam significativas para ele, o que realmente vale a pena traz prazer e realização. Todos os seus desejos não contemplados vêm à tona e sente-se impelido a persegui-los e realizá-los. Não há mais tempo a perder, ninguém a obedecer, é só ele e seu objeto de desejo, é sua oportunidade de realização.

Como exemplo de coragem, força de vontade e desejo de estar sempre se superando, Simone de Beauvoir (1970) cita Lílian P. Martin, que aos 65 anos aprendeu a escrever à máquina, aos 77 a guiar um automóvel, aos 88 subiu o curso do rio Amazonas num barco e aos 99 anos empreendeu a exploração de uma fazenda de 25 hectares. É um exemplo claro de um ser humano

que busca incansavelmente se completar, tendo, consciente ou inconscientemente, essa noção de inacabamento.

Comentando afirmações de Birman (1995), Py (2004) assinala que o idoso ao sentir o afastamento progressivo do padrão jovem socialmente instituído, se vê ameaçado de exclusão. Sente-se impelido a buscar uma ressignificação no presente e relançar-se a projetos futuros para assim tornar-se valorizado e reintegrado à vida, pois destitui-se de conotações negativas e recoloca-se no circuito do desejo

A aprendizagem de idiomas surge então como um dos veículos que promovem bem-estar e mantém suas capacidades em níveis normais de funcionamento e desenvolvimento. Como diz Sá (2004, p.353), voltar a estudar, continuar estudando, tem para o aluno idoso uma importância muito grande e um peso significativo na construção de sua auto-imagem. Significa estar no mundo, sentir-se vivo no sentido de contribuir, participar, promover mudanças tanto no ambiente social quanto familiar ou individual.

O aluno idoso valoriza cada minuto de sua vida, está envolvido com seu processo de aprendizagem, pois sente a necessidade e a urgência de atuar no mundo, de envolver-se com o outro, seja este o grupo, a comunidade ou a humanidade. Citando Paulo Freire: “Existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele.” (1971, p.40).

É justamente por este desejo de estar no mundo e cooperar que muitos idosos então buscam um aprendizado e assim continuam prosseguindo ao encontro daquilo que todos desejam desde o primeiro instante de vida: o prazer de viver, de se completar como sujeito de seu tempo, independentemente das expectativas alheias.

Sathler afirma que “Reconhecer os próprios desejos para poder buscar meios de satisfação, requer um longo e laborioso trabalho de discriminação entre o que sou e desejo e o que querem que eu seja e deseje.” (SATHLER, 1994, p.42)

4.2. ATÉ QUE PONTO O DESEJO JOGA DE FORMA POSITIVA COM A IDADE CRONOLÓGICA E COM A APRENDIZAGEM

Durante o envelhecimento, o idoso sofre algumas perdas significativas tais como :

- a beleza e o vigor de um corpo jovem;
- o poder e o status que mantinha com o trabalho;
- pessoas de seu convívio

Para contrabalançar essas perdas, o idoso começa a analisar e ponderar quais serão os novos caminhos que poderá trilhar e quais estratégias utilizará para manter-se em equilíbrio, não se deixar levar pela depressão, ansiedade ou outro sentimento negativo que possa rodeá-lo. É nesse momento que a aprendizagem aparece como uma alternativa de possíveis ganhos para que o idoso possa se auto-afirmar nessa nova fase com a qual se depara, sendo assim, como afirma Ligia Py, (2004, p.123): “As perdas fazem parte da vida de qualquer pessoa, porém, apesar de irreversíveis, não significam, necessariamente, um término, uma vez que podem sempre estar gerando aquisições.”

Quando se refere ao termo *aquisições*, quer dizer algo que ocupará um determinado lugar na vida desse sujeito, algo que lhe trará um novo ânimo a sua vida, o que não quer dizer que substituirá as perdas sofridas, porém poderá equilibrar o seu estado de espírito, dando-lhe novas

perspectivas e esperanças para viver o presente e projetar-se ao futuro. Py, (2004, p.126) ainda acrescenta: “As aquisições que se sucedem jamais reconstituirão as perdas porém mantêm o sujeito na condição desejante, projetado ao futuro, aproximando as suas possibilidades inimagináveis de criação.”

É nesse contexto de perdas que o idoso, então, se defronta e começa a reformular seus objetivos, buscando aquisições que ajudem a manter sua integridade física e emocional que possam lhe trazer prazer e continuidade à vida, um desses caminhos é tentar aprender algo novo, tais como o aprendizado de idiomas.

4.3. QUE LÍNGUA É ESSA BUSCADA PELOS APRENDIZES?

A língua italiana assume, para grande parte de seus aprendizes, idosos ou não, um perceptível desejo de resgatar suas origens, visto que a maior parte dos alunos que procuram este idioma é descendente de italianos. É a evocação de sua infância, da língua de seus pais e avós, uma forma de contatar, relembrar, trazer para o aqui e o agora um pouco do passado e de sua própria história. Equivale a uma busca de si mesmo, de uma autoconstrução a partir da história de seus antepassados.

Aprender a língua e a cultura destes equivale a integrar-se com eles, apoderar-se de algo que lhes pertence e que lhes é particularmente familiar e simpático. Simboliza o encontro com o seu próprio *eu* que ajudará na tarefa de construir uma identidade mais completa, de complementar-se como sujeito.

Citando as palavras de Coracini (1998, p. 9): “Aprender línguas desempenha uma forte atração... o desejo do outro, desse outro que nos constitui e cujo acesso nos é interditado, esse outro que viria completar o um.”

4.4. MOTIVAÇÕES E PROCESSOS AFETIVOS ENVOLVIDOS NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ITALIANA

Se comparado ao idioma inglês, percebe-se nitidamente que o italiano é bem menos procurado. A maior parte das pessoas que se matriculam em cursos de italiano tem objetivos claros: precisam do idioma para a sua vida profissional ou acadêmica; viajarão para a Itália; são descendentes de italiano e querem, com o aprendizado do idioma, integrar-se à cultura de seus antepassados (objetivo mais freqüente).

Sendo estes alunos de italiano, em grande parte, maiores de 50 anos e aposentados, é fácil notar que o grande fator impulsionador ao aprendizado de língua italiana é, sem dúvida, fazer esta integração e, de certa forma, prestar homenagem àqueles que já se foram, porém continuam vivos em suas recordações.

Em sua tese de mestrado, Viana (1990) afirma que um indivíduo é motivado quando revela, por palavras ou atos, que deseja alcançar alguma meta. Diz também que quando há interesse em saber mais sobre determinado assunto, essa necessidade só poderá ser satisfeita pela aprendizagem.

Segundo Viana, na Lingüística Aplicada, a definição para o termo motivação é: *"the factor that determine a person's desire to do something."* (Longman Dictionary of Applied Linguistics, 1985). Sendo assim, esta motivação torna-se uma ferramenta poderosa e uma excelente aliada tanto para o desempenho quanto para os resultados obtidos durante as aulas. Quanto maior for o desejo de se misturar com a cultura e com falantes nativos de um idioma, melhor será o desempenho durante o processo de aprendizagem de língua estrangeira. Quanto mais se sentir inserido na comunidade de L2, melhor será o desempenho apresentado durante as aulas. Citando Revuz (1998, p.227): "Quanto melhor se fala uma língua, mais se desenvolve o sentimento de pertencer à cultura, a essa comunidade lingüística."

Estas afirmações podem ser observadas entre os alunos (descendentes de imigrantes italianos), os quais, além de possuírem um alto grau de motivação para aprender o idioma, possuem maior familiaridade com a língua, fazendo, durante as aulas, constantes alusões e reconhecimento de palavras e expressões utilizadas por seus familiares. Grande parte destes alunos também possui dupla cidadania. Muitos sentem-se plenamente satisfeitos em pertencer a duas culturas distintas e motivados em aprender o idioma estrangeiro sem correr o risco de perder sua identidade em língua materna, ao contrário, este aprendizado somar-se-á a tudo o que já são e possuem em língua materna.

Gardner e Lambert (1972) denominam este tipo de relação com o idioma estrangeiro de *motivação integradora*, ou seja, aquela que revela o desejo do aprendiz em integrar-se à cultura onde a língua-alvo é falada ou identificar-se com os povos falantes dessa língua.

Como não há conflito entre língua materna (português) e língua estrangeira (italiano) e a concepção que os alunos têm de tudo aquilo que se refere ao idioma almejado e à cultura de seus falantes nativos seja consideravelmente positivo, o resultado na aprendizagem torna-se muito favorável.

Para esses alunos ítalo-brasileiros, o aprendizado da língua italiana estará vinculado a processos afetivos, isto é, a evocações de tudo o que estiver relacionado à história de seus antepassados. Isto equivale a dizer que a afetividade funcionará como uma mola propulsora à construção de seu próprio saber e dizer na língua-alvo, algo que o fará sentir-se integrado com a sua própria história a partir do encontro com a língua e a cultura de seus ancestrais. É uma língua idealizada, que se encontra no plano das recordações de infância, no falar de seus pais ou avós, nos momentos de grande intimidade; simboliza a construção de sua própria história através desta apropriação.

Portanto, os aprendizes sentem-se afetivamente ligados, principalmente porque com o uso e aprendizado do idioma, fazem uma constante ponte com o passado e durante essa ligação sentem-se bem no presente podendo deixar um modelo às gerações futuras. Uma das alunas assim o definiu: “Com o aprendizado da língua, pude resgatar parentes e culturas não conhecidas por mim. Hoje, sem ter ido à Itália, parece-me que a conheço como se por lá já tivesse passado.”

Outra ainda disse: “Por ser descendente de italianos, queria conhecer o idioma e depois poder ensinar alguma coisa para meus netos. Não gostaria que eles crescessem sem saber nada de suas origens.”

Outro exemplo desta relação afetiva com a cultura italiana foi o de uma aluna de 75 anos que me trouxe de presente, em uma caixinha de jóias, a famosa *Stella alpina* junto a um texto que

trazia toda a história desta delicada flor. Dizia que o seu maior sonho era um dia ir à Itália e poder ver aquela delicada flor, visitar a cidade em que seu pai nascera e percorrer sozinha e sem pressa os mais importantes pontos turísticos da Itália, sua grande paixão.

Sendo assim, aqueles que estão efetivamente compromissados com o seu próprio aprendizado e possuem objetivos claros do que querem conquistar, são mais assíduos às aulas, dedicam-se com maior empenho às atividades propostas e, portanto, acabam adquirindo melhor desempenho e bons resultados no aprendizado do idioma.

Ecléa Bosi (1987, p.27) referindo-se à memória das pessoas observa: "(...) Fica o que significa." Com essa frase pode-se evidenciar que a inter-relação existente entre motivação, memória e desempenho interferirá diretamente durante o aprendizado desses alunos. Isso quer dizer que quanto mais significativos forem os estímulos durante o aprendizado de língua estrangeira, melhor será o nível de produção em L2 dos alunos.

CAPÍTULO II- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS ATUANTES DURANTE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

1. AQUISIÇÃO X APRENDIZAGEM

Antes de trazer as experiências obtidas em sala de aula, resumidamente, serão citados a seguir, alguns conceitos lingüísticos relacionados ao ensino de língua estrangeira, os quais assumem certa relevância no processo de ensino-aprendizagem e também servem para entender melhor o modo particular com que cada aluno interage diante do idioma estrangeiro ao qual está sendo submetido.

O primeiro assunto a ser comentado é justamente a famosa dicotomia entre aquisição e aprendizado.

Para Krashen (1977), o termo *aquisição* se refere a processos não conscientes, intuitivos e automáticos que ocorrem, geralmente, quando o conhecimento da língua estrangeira se adquire em um ambiente natural e de baixa ansiedade. A aquisição de línguas é um processo semelhante ao modo como as crianças desenvolvem a capacidade que têm em sua primeira língua. Os aprendizes nem sempre estão conscientes de que estão adquirindo linguagem, só se dão conta do fato, ao se verem usando essa língua para comunicação. O resultado da aquisição, a competência adquirida, é também um processo inconsciente. Não há uma percepção consciente das regras adquiridas, ao contrário, desenvolve-se uma “sensação” de correção. As orações gramaticais “soam certas” enquanto os erros “soam errados”, mesmo sem se ter consciência de quais regras

foram infringidas. Não ocorre de um dia para o outro, ao contrário, a aquisição se processa lentamente e as habilidades da fala emergem depois das habilidades de compreensão oral.

Já o termo *aprendizagem* refere-se aos processos conscientes, reflexivos e controlados que são construídos a partir de um contato reflexivo com os estímulos da língua estrangeira em contextos institucionais ou formais, tais como os institutos de idiomas.

Sem dúvida, intuitivamente, uma expressão soa bem ou mal aos alunos sem saber muito por que, enquanto que, outras vezes, são capazes de explicar, mediante uma regra, a correção ou a incorreção de uma dada oração. Em suma, *aprendizagem* alude ao conhecimento consciente de uma segunda língua, o saber regras, ter consciência delas e saber dizê-las.

2. A HIPÓTESE DO MONITOR

Segundo Krashen, a hipótese do Monitor assevera que a aquisição e a aprendizagem são usadas de modo muito específicos. Enquanto a aquisição inicia a produção em uma dada segunda língua e é responsável pela fluência, a aprendizagem funciona como um Monitor que entra em cena para produzir mudanças em nossos enunciados, depois que esses tenham sido produzidos pelo sistema adquirido, podendo ocorrer antes de falarmos ou escrevermos, ou depois, na auto-correção.

Observando-se o desempenho de alguns adultos na aquisição de uma segunda língua, percebe-se que existem três tipos básicos quanto ao uso diferencial do Monitor consciente:

1º Superusuários do Monitor – são alunos que tentam se monitorar o tempo todo e constantemente comparam sua produção com o conhecimento consciente que possuem em L2. Estão tão preocupados com a correção que não podem obter grande fluência real. Muitos desses superusuários, mesmo tendo adquirido uma boa parte da segunda língua, não confiam nessa competência adquirida e só se sentem seguros consultando seu Monitor.

2º Subusuários do Monitor – são alunos que não aprenderam, ou se aprenderam, preferem não usar seu conhecimento consciente mesmo quando as condições assim lhes permitem. Não se influenciam com a correção dos seus erros, podem se auto-corrigir usando para isso uma intuição/sensação do que é correto e confiam plenamente no sistema adquirido.

3º Usuários ótimos do Monitor – são aqueles alunos que usam o Monitor somente quando julgam apropriado sem deixá-lo interferir na comunicação. Na escrita e na fala planejada, contudo, os usuários ótimos sempre lançam mão de quaisquer correções a fim de aumentar a precisão de sua produção. Alguns usuários ótimos que não adquiriram completamente uma segunda língua e que ainda cometem pequenos e ocasionais erros na fala podem usar a sua gramática de maneira consciente e tão hábil que dão a impressão de serem nativos na escrita. O usuário ótimo é capaz de preencher parte das lacunas com aprendizagem consciente, mas não todas, na maioria das vezes.

3. INPUT – INTAKE – OUTPUT

Input, ou *insumo*, são todos os estímulos auditivos aos quais estamos sendo expostos, são as falas em língua estrangeira que nos são direcionadas e que vamos introjetando em nosso cérebro.

Intake é definido por aquilo que se consegue captar e processar do *input* recebido. Já *output*, pode ser definido como sendo o resultado obtido após o *input* e o *intake*, isto é, aquilo que será produzido e exteriorizado.

Durante o aprendizado de idiomas existem momentos denominados pela lingüística aplicada de *input+ 1*, referindo-se a todas as situações em que somos submetidos a novos estímulos no idioma. Simbolizaria “o novo”, “ o desafio” aos quais, continuamente, estão sendo submetidos os aprendizes de língua estrangeira.

4. INTERFERÊNCIA, INTERLÍNGUA , FOSSILIZAÇÃO E TRANSFERÊNCIA

Ciliberti (1994, p.214), em seu glossário técnico define *Interlíngua,* como: *sistema linguistico di natura instabile che il discente di una L2 costruisce dai dati della L2 cui è esposto.* Esta denominação remete-se a Selinker, 1972. Ainda acrescenta que:

> La lingua del discente viene denominata "interlingua" nel senso che costituisce una lingua a mezza via, o meglio, una lingua che sta in un 'continuum' tra la lingua madre e quella straniera, e nel senso che è una lingua dinamica, che cambia cioè col tempo, essendo soggetta a processi di accomodazione ai nuovi dati con cui il discente viene via via a trovarsi in contatto.

Moita Lopes também a define como uma espécie de transição entre a língua materna e a língua objeto e como qualquer língua, também está sujeita a sofrer mudanças com o decorrer evolutivo do processo de aprendizagem, tornando-se cada vez mais próxima da língua alvo. Acrescenta ainda que se difere tanto da língua materna como da língua objeto; não pode ser considerada uma mistura das duas línguas, pois, contém regras próprias utilizadas por cada aprendiz ou grupo de aprendizes, em determinada fase do seu aprendizado de uma língua estrangeira; não segue os padrões formais do idioma estrangeiro, mas é totalmente compreensível entre todos os que interagem neste ambiente, incluindo o professor que ouve esta comunicação.

Segundo alguns estudos, a ocorrência e a persistência de interlíngua é maior em adultos do que em crianças devido ao fato de que os hábitos lingüísticos ainda não estão tão desenvolvidos e enraizados entre as crianças, como já o estão entre os aprendizes adultos. Como afirma Schütz (2006):

> Dependendo da intensidade de exposição à língua estrangeira, a interlíngua será mais ou menos acentuada: se a intensidade de exposição for insuficiente, a interlíngua persistirá por mais tempo, tendendo à fossilização dos desvios cometidos. Isto ocorre porque as necessidades de comunicação em língua estrangeira podem exigir uma freqüente produção de linguagem imprecisa, que se não for contrabalançada e sobrepujada por input autêntico, acabará causando uma internalização prematura de formas na interlíngua, isto é, dos desvios que a caracterizam. (SCHÜTZ, 2006)[5]

Fossilização, termo também introduzido por Selinker (1972), é um mecanismo pelo qual um aprendiz insiste em conservar em sua produção em L2, certos elementos, regras e subsistemas lingüísticos incorretos. Ciliberti (1994), a explica como uma estabilização de formas incorretas na interlíngua. Acrescenta ainda, citando Schumann (1978), que a fossilização pode ser apresentar causas de ordem psicossociais, devidas ao encontro do aprendiz com uma cultura e uma língua dominante. Tal encontro pode gerar certa insegurança, um receio de perder sua identidade cultural, social e lingüística e, portanto, sente-se induzido a aprender a língua estrangeira somente em um nível bastante elementar, limitado somente a satisfazer as necessidades comunicativas mais básicas.

Interferência é a ocorrência de formas de uma língua na outra, causando desvios perceptíveis na pronúncia, no vocabulário e na produção de frases em L2. Seria a possibilidade que o aprendiz encontra, de utilizar regras gramaticais da língua materna durante o seu aprendizado de língua estrangeira. É uma estratégia utilizada para compensar a carência de conhecimento, sentida pelo aprendiz, durante seu aprendizado de língua estrangeira. Ciliberti (1994:43), considera que se a L2 é semelhante à língua materna, a interferência é positiva, pois auxilia na resolução de problemas da L2. Em caso contrário, isto é, se as duas línguas são muito diferentes, esta interferência será negativa, pois dificultará a produção e o aprendizado em L2.

---

[5] Cf. Ref. Bibl. p.112

Transferência é o aproveitamento de habilidades lingüísticas prévias no processo de assimilação de uma língua estrangeira. Ocorre predominantemente entre línguas com alto grau de semelhança.

Após a observação dos mecanismos supracitados que permeiam as atividades de ensino e aprendizagem de idiomas, algumas aplicações e experiências empíricas serão apresentadas nos próximos capítulos.

CAPÍTULO III - VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS OBTIDAS EM SALA DE AULA

1. PERFIL DOS ALUNOS

Os alunos que serviram como objeto de observação e pesquisa para elaboração deste trabalho estão divididos em dois grupos:

Grupo 1 (CPP- Santana) - composto de nove alunos com idades que variam de 60 a 75 anos. Apenas dois são homens - Nível Avançado;

Grupo 2 (CPP- Santana) - composto de sete alunos, todas mulheres, com idades que variam de 50 a 78 anos – Nível Avançado.

Ambos os grupos encontravam-se no nível intermediário quando assumi as turmas. Estavam sem professor e fui indicada para dar prosseguimento ao curso já iniciado.

Há, entre os alunos, algumas viúvas, solteiras e uma divorciada e, como se pode observar, apenas dois homens no grupo (algo muito comum em cursos voltados à 3ª idade). Os casados possuem mais de 35 anos de matrimônio, já estão com os filhos criados e a maioria já tem netos.

Com poucas exceções, a maioria possui nível superior, são professores e diretores aposentados da rede pública e gozam de uma situação financeira estável, sendo que, algumas alunas, conquistaram uma privilegiada posição financeira após o matrimônio.

O principal ponto em comum entre estes alunos é **que todos são filhos ou netos de italianos e possuem fortes laços afetivos com a língua e a cultura de seus ancestrais** (grifo nosso).

Muitos já conhecem a Itália e outros mantêm contato com parentes italianos, seja através de cartas, telefonemas, ou pessoalmente.

O primeiro grupo é bastante unido, descontraído e sempre disposto a trabalhar em espírito de cooperação. Todos estudam italiano há cerca de quatro anos, portanto, possuem um bom domínio do idioma. Estão sempre dispostos a executar com dedicação as atividades propostas em sala, realizando-as, na maioria das vezes, em ritmo de equipe. São muito alegres, simpáticos e gentis, buscam um contínuo aprimoramento físico e intelectual e, para isso, além de estudar italiano, língua de seus pais e avós, praticam yoga e caminhada. Alimentam-se adequadamente e se mantêm ligados a atividades religiosas, fato que, conforme pesquisas realizadas, exerce influência positiva para um envelhecimento harmonioso e com qualidade de vida.

O segundo grupo é também bastante unido e descontraído. Seus integrantes brincam muito durante as aulas, mas isto não chega a prejudicar o ritmo das aulas, ao contrário, torna o ambiente mais leve e agradável. Levam a sério o curso, monitoram suas conquistas em L2 e procuram sempre se esmerar na execução das tarefas propostas tanto em sala de aula quanto fora, pois reconhecem a importância destas para seu próprio desenvolvimento cognitivo.

Procuram também manter-se bem fisicamente, praticando esportes e adotando uma alimentação saudável e equilibrada. Como estão juntas desde o início do curso, possuem fortes laços de amizade e, às vezes, é preciso intervir para que assuntos rotineiros e particulares sejam discutidos em italiano e não ocupem muito tempo das atividades programadas para as aulas.

São também bastante gentis, alegres e simpáticas e, como o grupo anterior, fazem do aprendizado da língua italiana um resgate de suas raízes.

A maioria destes alunos obtém bons resultados na aprendizagem da língua italiana. Todos desejam atingir um bom nível de conhecimento no idioma, pois isso lhes trará maior segurança e confiabilidade quando estiverem inseridos em situação real, ou seja, quando conversarem por telefone com seus parentes italianos, ou mesmo em visita à Itália.

Há um desejo interno que os impulsiona à ação e este traz os resultados almejados. Assim, o desejo de resgatar o idioma que ouviam quando pequenos e que faz parte de seu passado, de sua história, leva-os a se motivar e buscar maneiras de incorporá-lo em suas vidas presentes, como uma forma de homenagear e cultivar a memória de seus ancestrais.

2. A PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS EM RELAÇÃO AO PRÓPRIO ENVELHECIMENTO

Para sondar a percepção destes sujeitos em relação a temas ligados ao envelhecimento, algumas questões sobre este tema foram lançadas no final de uma das aulas, como tarefa de casa. Os alunos elaboraram por escrito, sempre em italiano, suas conclusões pessoais, as quais, na aula seguinte, serviram de ponto de partida para a discussão em grupo.

As respostas recebidas foram surpreendentes, algumas, diria-se até envoltas de muita sensibilidade e visão de mundo apurada. A cada pergunta o grupo ouvia as respostas dos colegas, um por um, faziam observações e, logo depois, passavam à próxima.

Este tipo de atividade embora tenha ocupado um tempo razoável da aula, foi muito envolvente para todo o grupo, pois fez com que todos participassem com bastante entusiasmo ora

concordando, ora discordando de seus pares. Durante a discussão foram anotadas algumas argumentações relevantes que foram surgindo entre os alunos e que serão comentadas a seguir.

As perguntas formuladas foram as seguintes:

1- Como você definiria o envelhecimento?
2- Sente medo de envelhecer? Justifique.
3- Faz uso de alguma receita pessoal para se manter e se sentir mais jovem?
4- A seu ver, qual a principal diferença entre a juventude e a maturidade?
5- Existem benefícios durante o envelhecimento e após este? Quais?
6- Qual das seguintes definições prefere ouvir: Terceira idade, maturidade, melhor idade ou nenhuma destas? Justifique.
7- Pensando “kairoticamente”, com qual idade você se sente?

As respostas obtidas trouxeram as seguintes constatações:

Questão 1: O envelhecimento é visto pela maioria como uma época de maior fragilidade física em que o corpo se ressente mais das atividades que antes executavam com muito menos esforço e tempo. Ainda que se sintam mentalmente jovens, o corpo lembra-lhes constantemente o peso da idade. Vêem também como um fenômeno irreversível tanto físico como intelectual. Uma resposta muito significativa foi quando disseram que quando se envelhece as coisas materiais perdem um pouco do valor que lhes atribuíam quando mais jovens. Talvez, seja esse um dos motivos por que procuram valorizar realmente o que consideram importante para si, como uma individualidade em busca da própria evolução.

Nessa fase, não há mais tempo a perder com pequenos atritos, com desgastes emocionais, é preciso viver o aqui e o agora da melhor forma possível, pois cada dia é único e deve ser cultivado harmoniosamente.

Não é preciso dizer o quanto é tranqüilo e prazeroso para um professor estar em meio a esses alunos onde não é preciso impor regras disciplinares para que a aula flua de forma natural e amistosa.

Questão 2: Em relação ao medo de ficarem muito velhos, a única coisa que os preocupa é ficarem dependentes de outros para suprir suas necessidades físicas ou materiais. Têm muito receio de contraírem algum tipo de demência senil ou ficarem presos a uma cama dependendo de cuidados de terceiros para se alimentar ou realizar sua própria higiene. Disseram que quando somos crianças não é difícil receber esses cuidados, já cuidar de um velho não é tão fácil assim.

Questão 3: Todos os alunos mostraram-se muito preocupados com a própria alimentação. Procuram seguir uma dieta equilibrada, livre de alimentos gordurosos e açúcares. Fazem exames médicos de rotina, adotam exercícios físicos tais como caminhada, yoga, dança, alongamento, dentre outras atividades. Para cuidar da mente estudam idiomas, lêem, fazem palavras-cruzadas, alguns ajudam os filhos em seus afazeres profissionais. As mulheres não abrem mão da preocupação estética seja com cabeleireiros, esteticistas, com a maquiagem diária e, obviamente, com o vestuário e passeios ao shopping a fim de estarem sempre atualizadas com as novas tendências. Para fechar essa questão, transcrevo a fala de uma aluna ao grupo: *Sou sempre otimista. Vejo todos os meus amanhãs sempre rosa.*

Questão 4: A principal diferença apontada entre a juventude e a maturidade foi no plano físico: atividades que antes executavam com muita facilidade já não as executam tão facilmente assim e, além disso, não faltam as dores no corpo. Até brincaram dizendo que estavam na fase do "*condor*" (com dor aqui e com dor ali). Por outro lado, disseram que com a maturidade ganha-se experiência de vida, há uma melhor aceitação das situações e pessoas, além da liberdade em poder escolher e realizar atividades que realmente lhes tragam prazer, as quais, quando mais jovens não podiam, ou por falta de tempo, ou por medo de sofrerem algum tipo de crítica.

Com essa fala nota-se que não há mais o receio de sofrer críticas ou rejeição, é o tempo em que o importante é fazer algo que lhes traga algum tipo de ganho, seja este físico, mental ou psicológico.

Questão 5: Elencaram vários benefícios em envelhecer tais como: prioridade no atendimento, isenção de pagamento de tarifas em transportes públicos e pagar metade do preço em atividades culturais. Quanto aos benefícios citaram: maior estabilidade emocional, mais experiência de vida e mais tempo livre para fazer o que quiserem. Há também a sensação de dever cumprido, de olhar para trás e ver que todos os momentos vividos valeram a pena, pois serviram como um longo e importante aprendizado. Todas essas lições de vida trouxeram-lhes sabedoria e agora servem para ajudá-los em suas escolhas diárias, para enxergar melhor o mundo e discernir o que serve e o que não serve, o que vale e o que não vale a pena perseguir.

Questão 6: Das palavras criadas para definir o envelhecimento a que teve melhor aceitação foi o termo **maturidade**, pois, segundo eles, define melhor o que se adquire com o envelhecimento. Na verdade acham que os demais termos são eufemismos à palavra velho ou idoso, pois, qualquer nomenclatura remete à idéia de velhice.

Questão 7: "Kairoticamente" ou psicologicamente falando, nenhum se sentiu com a respectiva idade cronológica. Todos se sentiram dez, vinte ou vinte e cinco anos mais jovens. Disseram que quando nos sentimos felizes e engajados, tendo sempre um sonho ou objetivo, o corpo pode envelhecer, mas a mente não.

Através das respostas obtidas, pode-se notar mais claramente quem são os sujeitos aqui apresentados, o que buscam, o que querem e o que não querem. Conhecer e interessar-se um pouco pela história de vida de nossos alunos é aconselhável, pois, além de facilitar a escolha e o planejamento das atividades, também proporciona uma maior aproximação entre as partes que interagem.

Muitas vezes, não é suficiente seguir apenas o que o livro didático propõe. É importante que as atividades venham contextualizadas, providas de significação para que o aluno realmente sinta-se à vontade e vislumbre a sua real função.

3. POR QUE HÁ MAIS MULHERES MATRICULADAS NOS CURSOS DE IDIOMAS?

Observando os diversos grupos de ensino de idiomas voltados à terceira idade, nota-se claramente um número maior de mulheres em relação ao de homens que freqüentam estes cursos. Surge então o questionamento: Por quê?

Não havendo como responder com total precisão essa questão, especialistas no assunto elencam algumas suposições.

Em primeiro lugar, é muito mais freqüente o interesse do público feminino em estudar idiomas (haja vista os cursos de línguas estrangeiras da própria FFLCH) do que o masculino. Em segundo lugar, tratando-se de mulheres maduras e aposentadas, pode-se supor que, pela própria condição em que se encontram, estão mais livres e com mais tempo para se dedicar a algo que sempre quiseram e que, por razões já comentadas em capítulos anteriores, não o fizeram.

Conforme Vital (2005), às mulheres, historicamente, tem cabido o cuidado da casa, dos filhos e do marido (condição esta que está passando por profundas modificações e tende a se diferenciar nas próximas décadas). Quando estas cuidadoras chegam à idade madura deparam-se, muitas vezes, com momentos de solidão causados por uma possível viuvez, ou ao ver os filhos deixarem o lar. Muitas, a partir desta mudança, passam pela conhecida síndrome “do ninho vazio”. Estando solitárias e em crise, até por conta de fatores físicos como a menopausa e a gradual perda do vigor e da beleza de um corpo jovem, muitas caem em depressão e numa profunda crise de baixa auto-estima. Sendo assim, o retorno ao ambiente escolar é percebido como uma forma de resgatar o prazer, de preencher o tempo de forma útil, aprender coisas novas, sem compromissos com o mercado de trabalho e, principalmente, aliviar a sensação de pouca

valia, muito comum entre algumas mulheres que passaram boa parte da vida dedicando-se exclusivamente ao lar. Neste ambiente sentem-se acolhidas, reconhecidas, valorizadas e unidas a pessoas com interesses afins.

Ao começarem um novo projeto de vida, podem resgatar não só a auto-estima como também seu papel dentro da família e da sociedade, aumentando seu convívio social, sentindo-se novamente integradas a um grupo e, além disso, mostrando a seus familiares uma capacidade de alcançar sucesso em novos empreendimentos e, principalmente, revalidando seu papel social.

Muitas vezes, sufocadas, primeiramente, por uma educação rigorosa e, mais tarde, por uma relação conjugal excessivamente machista (fato que também vem mudando nos últimos anos), as mulheres percebem sua fase madura como um momento de libertação, uma fase de autonomia e possibilidade de se realizar. Não há mais ninguém a obedecer (pai ou marido), sendo assim, sentem-se donas de seus próprios destinos e encontram nas instituições de ensino um espaço de educação permanente voltado ao prazer e à construção de outra relação com a vida, consigo mesmas, com a velhice e com a sociedade (VITAL, 2005).

Quanto ao número reduzido de homens, o que se pode inferir é que, após a aposentadoria, muitos se vêem livres de obrigações, horários a cumprir, tarefas exaustivas e assim, querem usufruir o seu tempo livre somente com atividades ligadas ao lazer, seja este, assistindo programas de televisão, seja jogando dominó ou bilhar com os amigos no bar.

É preciso lembrar ainda, que os homens que hoje fazem parte da chamada terceira idade, foram criados dentro de um sistema um tanto quanto segregacionista, o qual, não olhava com naturalidade a heterogeneidade de gênero em atividades socioculturais, isto é, homens não deveriam interessar-se ou freqüentar os mesmos cursos ou atividades que as mulheres.

É claro que muitos homens não chegam a estes extremos, mas o fato é que, poucos são vistos em cursos de idiomas, de pintura, artesanato, dentre outros. Talvez, para eles é chegado um momento crucial: se por um lado vêem-se libertos de arcar com responsabilidades sejam estas financeiras ou intelectuais, por outro sentem-se completamente sem referências e com uma certa sensação de inutilidade. Tendo sido sempre educados para serem provedores do lar, muitos homens ao chegarem à aposentadoria não conseguem viver sem o trabalho que os referenciou a vida inteira. Portanto, não encontram mais nada que lhes desperte efetivamente um alto grau de interesse, a não ser, talvez, atividades ligadas a estudos políticos, filosóficos ou atividades esportivas.

Outra possibilidade que, talvez, explique a baixa freqüência de homens em cursos de idiomas, possa ser atribuída ao fato de que, por serem oferecidos com maior freqüência no período vespertino (horário mais acessível e preferido pelas mulheres), acabe inibindo-os de freqüentá-los, pois, de certa maneira, estaria vinculado à idéia de ociosidade.

Assim sendo, tal comportamento masculino acaba se tornando preocupante quando alguns homens caem em depressão, pois, não se achando mais no papel de chefe e provedor do lar, não se sentem mais nem úteis, nem importantes, isolando-se em suas próprias casas, bem ao contrário das mulheres que, acostumadas a vida toda com o trabalho doméstico, nunca se sentem destituídas de suas funções. Haddad, *apud* Vital, (1986, p.48 [2005, p.34]) coloca muito bem este pensamento masculino quando diz: “[...] Quando a prática de trabalho cessa pela aposentadoria, o indivíduo é levado a reconhecer que nada mais é a despeito do que já tenha feito.”

Tendo em vista que os papéis masculino e feminino estão passando por grandes transformações, pode-se, felizmente, perceber que esta mentalidade já está mudando e, provavelmente, nas próximas décadas, veremos muitos homens engajados em diversas atividades culturais e aumentando o número de alunos matriculados seja em cursos livres, ou nas Universidades de Terceira Idade.

Hoje podemos ver muitas mulheres trabalhando fora enquanto seus maridos estão em casa exercendo funções que, outrora, eram exclusivamente femininas. Tudo isto aponta que, no futuro, provavelmente, crises como a do “ninho vazio” nas mulheres, ou a depressão pós-aposentadoria nos homens, não serão tão comuns e veremos homens e mulheres compartilhando experiências nos diversos cursos e atividades destinados ao público de terceira idade.

4. COMO INCENTIVAR O USO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA DURANTE AS AULAS

Durante as aulas, é comum observar entre os alunos alguns comentários sobre assuntos pessoais tais como: saúde, familiares e até mesmo receitas culinárias. O fator preocupante é que, muitas vezes, essas conversas se dão em português. Esse fato geralmente ocorre, pois, nesses momentos, a língua materna se sobrepõe à língua estrangeira porque propicia maior eloqüência e fidelidade àquilo que desejam revelar a seus pares.

Sabendo o professor que não está lidando com crianças ou adolescentes rebeldes, e sim com pessoas que muitas vezes estão ali em busca de alguém que possa ouvir seus problemas, é aconselhável que intervenha de forma sutil, usando o idioma italiano e incentivando-os também a usá-lo, sem provocar constrangimentos. Não é caso de ser autoritário e impositivo, pois, tal

postura pode acarretar problemas de relacionamento com os alunos, causando desistências e, em alguns casos, culminando no fechamento da turma. O aconselhável é que o professor se mostre preocupado com o desenvolvimento de seus alunos em língua estrangeira, com o resultado desse aprendizado, fazendo-os perceber que não haverá avanço algum no idioma se insistirem em usar o português. Se o objetivo geral é aprender italiano, precisam se esforçar para utilizá-lo em todos os momentos.

Uma boa saída para este tipo de situação é propor atividades que aliem a língua estrangeira ao cotidiano dos alunos tais como dinâmicas que propiciem trocas de experiências pessoais tais como debates, entrevistas (tal qual a atividade intitulada RODA-VIVA, que será descrita no cap. IV), discussão sobre textos literários, culinários ou jornalísticos que também proporcionam uma maior abertura para manifestarem seus próprios pensamentos, sensações e experiências de vida.

Na medida em que perceberem que as intervenções são feitas em seu próprio benefício, mais se sentirão confiantes em tentar manter a conversação em língua estrangeira, ainda que, fragmentada e pincelada por algumas palavras da língua materna, as quais, com a ajuda do professor, vão sendo traduzidas para a língua estrangeira.

5. POR QUE O MEDO DE ERRAR?

Outro problema notado é quando o professor, diante de um aluno inseguro em utilizar a língua estrangeira, força-o a utilizá-la. É bem provável que este aluno não a utilize por medo de cometer erros, e o que é pior, ser corrigido por alguém que, muitas vezes, seja da idade de seus filhos ou netos.

O medo de falar incorretamente, de cometer deslizes em L2 é muito comum entre alguns aprendizes de língua estrangeira. Nota-se que quanto mais tímido e exigente esse aprendiz for consigo mesmo, mais ele terá medo de cometer incorreções. A sua produção oral no idioma estrangeiro estará muito abaixo daqueles que são mais extrovertidos e mais tolerantes com suas próprias falhas (perfeitamente comuns e aceitáveis em qualquer aprendizado), pois sabem que, na maioria das vezes, é errando que se aprende e se não há coragem para tentar acertar, dificilmente haverá avanços. Em geral, alunos tímidos e perfeccionistas (superusuários do monitor) preferem atividades escritas, pois estas propiciam-lhes mais tempo de elaboração, seja consultando o dicionário ou gramáticas, seja tendo mais tempo para fazer uma revisão. Cabe ao professor, a partir desta capacidade de elaboração, ir pouco a pouco, incentivando-os a falar, elogiando os trabalhos escritos produzidos, mostrando que, se são capazes de uma boa produção escrita, provavelmente, também o serão numa produção oral.

É importante perceberem que todos estão ali como se fossem crianças aprendendo a língua materna, ou seja, falando sem se preocupar com as falhas cometidas, as quais, pouco a pouco serão eliminados e tendo, como objetivo maior, a comunicação, a expressão de uma mensagem no idioma estrangeiro.

Toda criança, ao aprender a língua materna, recebe os estímulos auditivos (*input*), deles se apodera (*intake*) e, no momento preciso, devolvem através da fala (*output*) tudo o que foi assimilado e elaborado internamente. Pode ser fora das normas gramaticais, até que, com a observação e correção gradativa de possíveis incorreções cometidas, atinjam uma produção oral correta e dentro dos padrões lingüísticos.

O mesmo se dá com adultos que aprendem uma língua estrangeira: quanto mais exercitarem a oralidade no idioma e forem, sempre que necessário, sendo orientados e corrigidos pelo professor, o qual, com intervenções pertinentes, auxiliará a eliminar incorreções nessa interlíngua, melhor ficará a produção oral no idioma estrangeiro, isto é, se não se sentirem constrangidos com tais intervenções.

6. COMO PLANEJAR AS AULAS: O QUE É IMPORTANTE ENSINAR

Geralmente, quando se oferecem cursos à terceira idade, pensa-se também em criar espaços onde se possa, além de aprender, compartilhar experiências, ampliar horizontes, trabalhar novos projetos de vida, aumentar a auto-estima e, principalmente, criar metas a serem alcançadas. Tudo isto implica em criar uma nova perspectiva na vida.

Dentro deste âmbito, o professor que estiver inserido nesse ambiente precisa estar comprometido e ciente de que seu trabalho é auxiliar e facilitar o acesso dos alunos à obtenção dos conteúdos.

Vital, S. (2005, p.56) define assim essa interação:

> O papel do professor, numa perspectiva progressista, deve estar vinculado a sua missão de auxiliar ou facilitar o acesso do aluno aos conteúdos, fazendo com que ele, a partir de suas experiências concretas e do seu dia-a-dia, busque superar a si mesmo e a tudo o que ideologicamente o coloca como descartável.

Há de se levar em conta, também, que muitos alunos idosos gostam de ser orientados sobre a finalidade prática de determinadas atividades, as quais devem ser dotadas de significado ao seu desenvolvimento cognitivo. Precisam entender o papel que cada uma exerce no aprendizado, quais habilidades desenvolvem e em quais situações reais poderão aplicá-las.

O professor precisa mostrar qual o objetivo pedagógico que está por trás de cada exercício, assim terá mais facilidade de ganhar a confiança dos alunos, eliminará ansiedades e frustrações e, conseqüentemente, estará mais propenso a obter melhores resultados no processo educativo sem sofrer evasões em seu grupo.

Libâneo, *apud* Vital (1989, [2005]) reforça na idéia de que o professor precisa funcionar como um facilitador de rupturas, levando seus alunos a romper com os preconceitos e com a dominação imposta pela ideologia vigente, perfeccionista, e que menospreza tudo o que não esteja inserido nessa perfeição.

O aluno mais velho traz experiências e necessidades diferenciadas, busca uma relação mais tranqüila e harmoniosa com a vida, possui expectativas que precisam ser conhecidas, respeitadas e compartilhadas com o professor. Citando Vital (2005, p.14): “ (...) sua crescente sabedoria permite-lhe maior capacidade de julgamento, bem como a distinção entre o banal e o fundamental (...)”

Sendo assim, o que é importante ensinar? A resposta para esta pergunta é: ensinar exatamente aquilo que esses alunos desejam aprender. Não há mais lugar para assumir uma postura autoritária em que o professor, isoladamente, elabora seu plano de aula, alheio às necessidades dos alunos. É necessário que ambas as partes compartilhem opiniões, planejem e elaborem os conteúdos específicos às necessidades e às expectativas dos educandos.

Mais uma vez, como afirma Vital (2005, p.13), “O aluno veterano, este novo protagonista no cenário educacional, tem um perfil diferenciado dos demais, solicitando do professor o sentir, o pensar e o agir também diferenciados. (...)”

É importante ressaltar também que quem direciona o ritmo das aulas são os alunos e não o professor. Ocorre que, muitas vezes, um ou outro aluno se ausenta das aulas por motivos de saúde, para realizar exames médicos, ou mesmo, para tomar conta dos netos quando requisitados. Nestas ocasiões, é aconselhável que se façam revisões do conteúdo trabalhado, para que os alunos que se ausentaram não fiquem defasados em relação aos demais colegas.

Sendo assim, um determinado conteúdo ou atividade que estava programado para ser trabalhado em, no máximo, duas aulas, pode acabar se prolongando muito mais. Tudo dependerá do ritmo da sala e do esforço dos alunos.

Não adianta acelerar o ritmo das aulas para cumprir todo o programa curricular estabelecido ou mesmo para executar todas as atividades programadas para uma determinada aula. Só é possível prosseguir, na medida em que os alunos tenham assimilado os conteúdos dados.

O aluno idoso não tem pressa, já correu demais durante a juventude, agora, prefere andar com calma, aproveitando e assimilando ao máximo cada experiência vivida, cada dia é um presente e equivale a uma iguaria a ser saboreada com prazer.

Balboni, (1994, p.148), na parte III de seu livro *Didattica dell'italiano a stranieri*, faz algumas observações sobre o ensino de idiomas a adultos e, citando Rogers (1969), diz que o ensino a alunos mais velhos só poderá ter sucesso se for o próprio aluno a decidir modificar sua realidade cognitiva e social: (...) *l'insegnamento può avere successo solo se è lo stesso allievo a decidere di voler modificare la sua realtà conoscitiva e sociale.*

Seguindo tendências das últimas décadas, Balboni (1994, p.148) explica que existem algumas diferenças de ordem afetiva que distinguem o aluno adulto de alunos mais jovens ou crianças: (...) *stima di sé, piacere nell'apprendere, immagine che l'adulto intende proiettare all'esterno, ecc., sono totalmente differenti in termini di quantità e qualità* (...). Conforme afirma Balboni (1994), é preciso que se leve em conta ainda, que o conhecimento de mundo e a experiência de vida de um adulto são superiores às de um adolescente, criança ou jovem universitário.

A experiência obtida com alunos da terceira idade confirma que atividades bem elaboradas, divididas adequadamente durante a aula, mesclando, leitura de textos e sua posterior exploração (elementos culturais, gramaticais e semânticos) são bastante indicadas para que depois se promova uma discussão e contextualização do conteúdo.

Num segundo momento, poderá haver a audição de diálogos de situações reais, exercícios de compreensão e repetição para fixação da pronúncia.

Exercícios gramaticais podem ser trabalhados num terceiro momento, sempre observando se a quantidade de estímulos que está sendo direcionada aos alunos está sendo suficientemente captada sem causar-lhes cansaço. Se por acaso houver a percepção de que os alunos já estão cansados e já não estão retendo muito bem o conteúdo, é o momento de partir para uma atividade de reforço mais relaxante como ouvir e cantar uma bela canção.

Sabe-se que quando o cérebro se cansa, não conseguimos mais reter com adequação os estímulos a ele direcionados, sendo assim, o professor precisa sempre saber o momento de descontrair um pouco a aula para só depois retomar as atividades, caso contrário, haverá cansaço, dispersão, sensação de sonolência e, consequentemente, baixo aproveitamento.

Se a duração das aulas for muito longa (de duas a três horas), haverá maior necessidade de dividir, com equilíbrio, o conteúdo programado a ser trabalhado, bem como realizar uma pausa de quinze a vinte minutos. Durante a pausa, os alunos podem aproveitar para relaxar um pouco, seja tomando um café, conversando informalmente com seus pares ou alongando o corpo. Enfim, a pausa é recomendada para que haja um descanso mental e evitem-se os problemas mencionados no parágrafo anterior.

Outra boa opção, após longo tempo de exercícios gramaticais que exijam dos alunos muito esforço e concentração, é trabalhar elementos culturais e abrir um espaço para fazer comparações entre a cultura nacional e a estrangeira.

Além de ensinar a língua, o professor de idiomas também precisa ensinar os elementos culturais característicos do país estrangeiro. Citando Balboni (1994, p. 90): *l'insegnante non presenta solo la lingua italiana, ma anche il modo in cui Italia si è data risposta 'culturale' a dei*

problemi 'naturali': organizzarsi, creare famiglie, nutrirsi, rapportarsi con Dio, divertirsi e così via.

Ensinar os aspectos culturais da Itália aos alunos além de importante é também uma atividade de alta receptividade, pois, proporciona-lhes maior familiaridade com os falantes do italiano e promove também, de certa forma, uma viagem à Itália sem sair do Brasil. É indicado principalmente a alunos que estudam italiano fora da Itália e com professores não-nativos, para que muitos estereótipos e informações falsas sejam dissipados.

Dentre os estereótipos e informações falsas que muitos brasileiros criaram sobre a Itália e italianos, muito propagadas por aqui são: lá só se come massas; os italianos gesticulam e falam muito alto; são temperamentais, namoradores e românticos; gostam de cantar óperas e, quando se pensa em música, surge, irremediavelmente, a lendária canção "*Funiculì, funiculà*" que se faz presente nas diversas festas italianas promovidas aqui no Brasil. Portanto, para que os alunos assimilem o que é verdadeiro sobre a Itália e os italianos, os quais, até *Rap* cantam e ouvem hoje em dia, nada melhor do que as aulas de cultura, sejam elas através de textos, receitas culinárias, filmes ou documentários.

Em relação às tarefas de casa, é o próprio professor que optará ou não por esta prática. Ninguém melhor do que ele saberá se é pertinente pedir alguma tarefa, sempre levando em consideração as necessidades e possibilidades que seu grupo de terceira idade possui.

Em geral, redações, exercícios de fixação gramatical e pesquisas, são atividades que os alunos podem fazer em casa. Balboni (1994) salienta que esta prática funciona como um bom reforço e aproveitamento do conteúdo trabalhado, principalmente no caso de alunos que estudam italiano fora da Itália, pois, propicia uma maior fixação de estruturas e de vocabulário.

Em um grupo de alunos mais velhos, sempre haverá aqueles que adoram as tarefas de casa, chegando até a pedi-las, como também poderão existir outros mais “rebeldes”, isto é, que não gostam de fazer tarefas, alegando falta de tempo, ou dificuldades para executá-las sozinhos.

Mais uma vez, vale lembrar que a decisão está nas mãos do professor, só ele saberá o quanto aquela atividade é ou não é importante. Após esta análise, compartilhará sua decisão de escolha com os alunos, mostrando-lhes a real necessidade da mesma para o aprendizado. É claro que a decisão caberá a cada um deles e, obviamente, não haverá “punição” àqueles que não fizerem a lição.

Como já foi dito, é o próprio aluno que administra o seu aprendizado, ele está totalmente ciente do que é bom para si e das conseqüências que sua “rebeldia” poderão lhe trazer em relação aos avanços de seu aprendizado.

7. O PAPEL DA AVALIAÇÃO COM NOTAS: NECESSIDADE OU (O)PRESSÃO?

Seria recomendável que qualquer professor ao decidir avaliar seus alunos, tivesse, como ponto de partida, as seguintes indagações: O que quero avaliar? Com qual finalidade? O que pretendo fazer com os resultados obtidos?

De acordo com Luckesi, C. (2000), é importante estar atento à função constitutiva da avaliação que é de diagnóstico, e a partir da qual, criará base para a tomada de decisões, ou seja, acenará quais serão os passos subseqüentes que deverão ser mudados ou acrescentados ao

planejamento docente, em busca de uma maior satisfatoriedade nos resultados obtidos pelos alunos. Articuladas com esta função também constam:

a) propiciar a autocompreensão, tanto do educando quanto do educador, no sentido de que podem se autocompreender no nível e nas condições em que se encontram, para dar prosseguimento ao aprendizado;

b) motivar o crescimento. A avaliação motiva na medida em que diagnostica e cria o desejo de obter resultados melhores;

c) aprofundar a aprendizagem. Ao se propor um exercício que vise à manifestação da aprendizagem, esse mesmo exercício já é uma forma de fixar o conteúdo, de assimilá-lo de modo mais adequado na memória;

d) auxiliar a aprendizagem. Auxilia na medida em que o professor estiver atento às necessidades dos educandos, mirando o seu crescimento e fazendo o melhor para que aprendam e se desenvolvam.

Para Luckesi, a avaliação escolar deve ser vista como um ato de amor, não de opressão, definindo o ato amoroso no sentido em que se torne um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. Uma postura integrativa descarta uma visão errônea que alguns professores têm, de utilizar a avaliação como uma forma de vingança e/ou (o)pressão, provocada, talvez, pelo comportamento apático ou rebelde que alguns alunos demonstram, ou mesmo por conta de um desejo (in)consciente de se sentirem valorizados, superiores e poderosos, mostrando ao aluno, o quanto ainda deverá se esforçar para atingir o mesmo patamar do “mestre”.

É dentro deste âmbito de pensamento classificatório que são promovidas as provas e os exames. Sendo assim, essa prática divide os “eleitos” dos “não-eleitos”, os “capazes” dos “incapazes”, enfim, de um lado estão os “incluídos” e do outro, os “excluídos”.

Luckesi (2000, p.173) também afirma que a avaliação tem por objetivo incluir e não excluir e por isso insiste na idéia de que a forma mais sensata de avaliação seria a diagnóstica, cujo objetivo é “aquilatar coisas, atos, situações, pessoas, tendo em vista tomar decisões no sentido de criar condições para obtenção de uma maior satisfatoriedade daquilo que se esteja buscando ou construindo.”

Ao elaborarmos uma avaliação, em nenhum momento devemos pensá-la em algo punitivo ou classificatório, pois, esta postura não visa ao crescimento do educando e caracteriza-se somente como uma simples e covarde vingança por parte do educador.

Na verdade, a avaliação deveria ser pensada e formulada com o intuito de levantar as principais dificuldades que o aluno apresenta e elaborar estratégias novas que possibilitem ajudá-lo a superá-las. Eis então o porquê de chamá-la de **diagnóstica** (grifo nosso).

Luckesi (2000, p.173) diz que “Avaliar um aluno com dificuldades é criar a base do modo de como incluí-lo dentro do círculo da aprendizagem; o diagnóstico permite a decisão de direcionar ou redirecionar aquilo ou aquele que está precisando de ajuda.”

A avaliação da aprendizagem precisa ser vista como uma prática que auxilie professor e aluno nesse percurso comum de crescimento, transformando-os em aliados e não o contrário (como muitos alunos vêem os professores e vice-versa).

Tanto professor quanto aluno só serão beneficiados com esta aliança: o primeiro, por adquirir mais conhecimento e experiência ao enfrentar situações problemáticas e buscar e promover estratégias eficazes de ação que proporcionem o crescimento do educando; o segundo, por se sentir valorizado, respeitado em sua individualidade e incluído no grupo dos bem-sucedidos, entre aqueles que, com perseverança e dedicação, superaram e venceram suas próprias dificuldades.

7.1. QUAL A MELHOR FORMA DE AVALIAR O ALUNO IDOSO?

Ao se falar de alunos idosos que procuram cursos de idiomas com a intenção de buscar uma integração cultural e social, além do simples prazer em aprender, seria um tanto quanto descabida a idéia de reprovar e deixar fora deste círculo de interação social e pedagógico aqueles que não atingissem uma média preestabelecida pela escola ou pelo professor. O parâmetro para decidir quem pode ou não pode prosseguir os estudos em língua estrangeira deve ser outro.

Qual o objetivo de avaliar a aprendizagem do aluno idoso? Como cita Luckesi (2000, p.174):

> A avaliação da aprendizagem tem por objetivo auxiliar o educando no seu crescimento e na sua integração consigo mesmo, ajudando-o na apropriação dos conteúdos significativos. Apresenta-se como um meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão.

A partir deste ponto de vista, é fácil perceber que, no caso de alunos idosos, a avaliação diagnóstica seria mais adequada, pois, propicia um maior auxílio às necessidades específicas de cada aluno. Ajuda o professor a tomar decisões, elaborar novas estratégias de ensino e adequá-las aos conteúdos que deverão ser assimilados pelos alunos, com a finalidade de atingir um melhor aproveitamento e desenvolvimento destes.

Embora muitos professores de idiomas acreditem que a avaliação com nota seria uma forma de garantir igualdade do ponto de vista cognitivo, entre o aluno idoso e o mais jovem, a experiência com alunos de terceira idade constatou justamente o contrário: os alunos dessa faixa etária, em geral, não se manifestam favoráveis a realizar as famosas provas valendo nota. Alegam já terem passaram por todo este ritual no passado e, justamente por conta de prováveis situações estressantes que este tipo de avaliação lhes causou, não desejam repeti-la.

Outra alegação comum entre os alunos idosos é que não se sentem mais na obrigação de conseguir boas notas para provar aos outros (no caso, familiares) sobre seu desempenho. Cabe somente a eles próprios administrar seu processo de aprendizagem. Não gostam de cobranças e deixam bastante nítido ao professor o porquê de estarem ali estudando o idioma, conforme já foi explicitado em capítulos anteriores.

Isto não quer dizer que não precisem ou não queiram ser avaliados. O que não necessitam é passar por situações desconcertantes em que, numa folha de papel e em data marcada, tenham a “prova”, assinalada de 0 a 10, do quanto sabem ou não sabem. Em geral, estão bem cientes de seu próprio rendimento. Muitos sentem-se bastante constrangidos com esta prática, portanto, colocá-los em tal situação é, por que não dizer, um ato desagradável e despropositado.

Muitas vezes, justamente aquele aluno entusiástico, participativo e eloqüente poderá se sentir tenso na hora da famigerada avaliação, assim, exatamente neste dia, não obterá uma boa pontuação, ficando bem abaixo da média. O que dizer, o que fazer diante de tão desconfortável situação para professor e aluno?

É realmente um momento muito delicado, como se fosse um exame de seleção no qual o indivíduo que não atingiu a média necessária, sente-se sumariamente eliminado, impossibilitado de continuar o aprendizado junto com seus colegas (melhores classificados) e, portanto, inapto para avançar um grau.

Quanto ao professor, é como se, de repente, exercesse a função de um juiz ao dar o veredicto: Apto. Inapto. Prosseguir. Repetir. Dentro. Fora.

Assim sendo, arriscar dizer também que a avaliação com notas favorece a auto-estima é muito duvidoso, pois, o que realmente a favorece é o próprio ato de estarem ali reunidos com seus pares, estudando, ampliando horizontes, interagindo e integrando-se a um novo grupo social.

Ao interagirmos, somos constantemente avaliados, portanto, todos estes alunos estão cientes de que o professor, durante as aulas, sempre os estará analisando e elaborando um diagnóstico de cada um deles. Não é preciso uma folha escrita com uma nota aferida, para saberem se estão bem ou mal em seu processo de aprendizagem.

Tanto aluno como professor sabem perfeitamente em qual nível de competência encontram-se, ainda que não sintam a necessidade de verbalizá-lo. Geralmente, através dos exercícios realizados nas costumeiras aulas, já se obtém um diagnóstico.

Não existindo mais a necessidade de quantificar o aprendizado, professor e aluno aliam-se num único objetivo: buscar as ferramentas apropriadas que os auxilie a atingir o alvo deste processo, previamente vislumbrado pelo educando e facilitado pelo educador.

O adulto maduro ao se matricular em cursos, não o faz tendo em vista competir no mercado de trabalho ou participar de processos seletivos e sim realização pessoal. Dessa forma, o professor e a instituição de ensino que oferecem cursos à terceira idade precisam ser suficientemente sensatos, para impedir que ocorram situações desestimulantes e constrangedoras, como as descritas em parágrafos anteriores. Caso aconteçam, possivelmente, haverá uma grande evasão, além de um grande prejuízo moral para todas aquelas pessoas que colocaram tantas expectativas ao se matricular, mas acabaram deparando-se com um sistema de ensino opressivo, seletivo e excludente, exatamente igual ao que conheceram quando eram mais jovens, algumas décadas atrás.

Justamente buscando a sensatez é que Luckesi (2000) elege a avaliação diagnóstica como ideal para aplicar com adultos maduros, a qual permite oferecer as condições necessárias para encontrar o caminho mais adequado e colher bons resultados (para educadores e educandos) no processo de ensino e aprendizagem.

7.2. QUAL A MANEIRA MAIS ADEQUADA DE ALERTAR O ALUNO QUE ESTÁ AQUÉM DO DESEJÁVEL, SEM CAUSAR CONSTRANGIMENTO OU DESESTÍMULO?

Sabendo-se que o filtro afetivo de alunos mais idosos é particularmente mais sensível daqueles mais jovens, toda vez que o professor precisar abordá-los sobre seu rendimento aquém do desejável, deverá tomar o cuidado de fazê-lo de forma que não o desestimule. O mais interessante é que lhe proporcione uma visão global de seus pontos positivos, dos sucessos obtidos até então e por último, do que ainda precisa ser reforçado e melhorado para que o desempenho melhore.

Muitas vezes acontece do aluno idoso ser indagado por familiares ou amigos sobre o conteúdo do que está aprendendo, seja pedindo informações sobre uma palavra no idioma, seja em situações comunicativas, ou em outros contextos.

É claro que ninguém irá puni-lo caso não se saia bem com a resposta, mas ele próprio se sentirá mal e, de certa maneira, desvalorizado tanto na imagem que deseja projetar quanto na que tem de si mesmo.

Como foi dito anteriormente, o aluno adulto, em geral, já está ciente de seu próprio rendimento bem como de seus pontos fortes e fracos. Muitas vezes, nem é necessário que o professor lhe indique onde está a falha, ele mesmo já o sabe, e ainda pedirá indicações de exercícios ou atividades que possam sanar suas dificuldades.

É nesta hora que o professor entra com seu papel de facilitador do aprendizado, indicando atividades pertinentes aos objetivos que ambos pretendem atingir no idioma. Como ressalta Ciliberti (1994, p. 49):

> Quanto al trattamento dell'errore, l'atteggiamento punitivo nei riguardi dell'errore e la tradizionale pratica dell'immediata correzione vengono sostituiti, da un lato, da una maggiore tolleranza - non è infatti sensato correggere errori che fanno parte di una normale fase di sviluppo dell'interlingua – e, d'altro canto, da un'assai più attenta considerazione delle possibili cause della devianza e delle sue conseguenze.

Segundo Ciliberti (1994), antes de corrigir o aluno, é preciso analisar se o tipo de produção efetuada influencia na compreensão da mensagem e se provoca estigmatizações, pois, sendo este o caso, a mensagem corre o risco de não ser entendida ou o que é pior, ser estigmatizada pelos falantes nativos do idioma.

Remetendo ao que foi escrito no Capítulo I deste trabalho, seria realmente um despropósito ser co-responsável por derrubar as expectativas e intenções depositadas por esses alunos desde o momento em que decidiram se matricular no curso. Por esta razão, adotar posturas muito rígidas na correção da fala dos aprendizes não é aconselhável, pois, pode inibi-los de falar ou deixá-los com uma sensação de inaptidão, propensos a desistir do curso ou procurar outro professor que, talvez, saiba tratá-los diferentemente, respeitando e ajudando-os em suas dificuldades e diversidade individuais. Isto não quer dizer que o professor assumirá uma postura passiva e contemplativa durante as aulas, ignorando o uso contínuo e quase fossilizado de suas interlínguas. O professor estará sim interagindo nesse processo, monitorando essa interlíngua, observando onde existe a permeabilidade que abre espaço para as interferências ou transferências da língua materna e suprindo estas carências através de exercícios específicos.

Algumas vezes, um ou outro aluno insiste em manter uma estrutura fossilizada por mais que se promovam exercícios, que se indique a forma correta de pronunciar um vocábulo, ou de se construir uma determinada estrutura sintática. Nesse momento, a diplomacia e o bom senso entram em cena e tornam-se imprescindíveis para que não haja frustrações nem ao professor, nem ao aluno. Se o professor já utilizou diversos recursos metodológicos para que aquele tipo de incidência fosse sanada, além de ter alertado ao aluno sobre tal ocorrência sem obter resultado algum, não há motivo para se desesperar.

Alguns professores se frustram com o mau desempenho do aluno, pois projetam a si mesmos neste baixo desempenho. Sentem-se culpados por não conseguir colocar seus alunos num patamar elevado, o qual, pode estar muito acima do nível cognitivo que o próprio aluno deseje ou esteja pronto para atingir.

O sucesso ou fracasso do processo de ensino não está unicamente nas mãos do professor, o qual, é apenas um colaborador, um facilitador e coadjuvante. O aluno sim é quem desempenha o principal papel, é ele quem vai realmente conduzir e direcionar o percurso que o levará à meta que pretende atingir, de acordo com seus próprios objetivos.

CAPÍTULO IV – METODOLOGIA E MATERIAIS DIDÁTICOS UTILIZADOS COM SUCESSO

1. METODOLOGIA E FERRAMENTAS UTILIZADAS

Atualmente, quando se fala em materiais didáticos voltados ao ensino de idiomas, logo nos deparamos com uma infinidade de livros, CDs de áudio e interativos voltados, principalmente, à comunicação.

Os denominados “métodos tradicionais”, que apresentavam leitura de textos, exercícios de compreensão, gramática, além dos famosos tradução/versão, estão basicamente abolidos dos mais atualizados métodos de ensino de idiomas. São considerados verdadeiros “dinossauros” pelos lingüistas e, portanto, excluídos dos livros didáticos mais modernos.

Devido a diversos estudos na área de Lingüística Aplicada, este tipo de material caiu em desuso e outras formas consideradas mais eficazes e dinâmicas para o ensino de segundas línguas acabaram sendo adotadas. Dentre estas, destacam-se aquelas que aproximam o aprendizado de L2 ao aprendizado de língua materna, isto é, através da prática, da repetição de frases dotadas de significado em determinadas situações comunicativas. As palavras apresentam-se inseridas em frases, dentro de um contexto comunicativo e são captadas pelo aprendiz no seu sentido global, não mais palavra por palavra, desprovidas de sentido.

O aluno repete frases, aprende o que deve dizer nas diversas situações comunicativas em L2 passando a adquirir vocabulário e exercitando passo a passo sua própria produção em língua estrangeira. Quanto à gramática, aparece subordinada a determinados contextos comunicativos e

deve ser ensinada na medida em que se fizer necessária para a produção de frases no idioma estrangeiro. Isto não quer dizer que ela deverá ser excluída, porém, assumirá um posto secundário, diferentemente de como era no passado.

Este tipo de metodologia voltada mais à comunicação, quando aplicada a alunos mais velhos, causa, às vezes, um estranhamento inicial. Um dos fatores é que, por estarem mais acostumados a métodos tradicionais (leitura – gramática – tradução - versão) como era comum há algumas décadas, sentem-se um pouco perdidos diante das novidades apresentadas e acabam rejeitando alguns exercícios sugeridos e apresentados pelo material didático. Este comportamento discente requer certa dose de flexibilidade do professor para que, sem perder de vista o objetivo da atividade, proponha algumas modificações e consiga o resultado almejado.

Dentre as atividades que mais causam estranhamento aos alunos aparecem as que requerem habilidades no manejo de computadores. No início, sentem-se confusos, atrapalham-se e ficam sem saber bem como executá-las, porém, depois, com a ajuda do professor ou de colegas mais familiarizados com esta ferramenta, tendem a se sentir mais soltos e receptivos. O importante nestes casos é fazer com que não se sintam constrangidos diante dos colegas e levá-los a entender o propósito da atividade.

Balboni (1994, p.55) afirma que todo e qualquer tipo de atividade proposta que possa gerar tensão ou estresse ao aluno, colocando-o diante de sua própria fragilidade e pondo em risco a imagem que tem de si e a que quer transmitir aos seus colegas, é desmotivante e, portanto, desaconselhável. Para o autor, atividades em que o desafio é excessivo, causando certo temor de fracassar, fará com que o aluno reaja, criando em autodefesa, um filtro afetivo que o impede de aprender aquele conteúdo.

Para que este tipo de comportamento discente não se instale diante de uma determinada proposta, é aconselhável que o professor intervenha com cautela, incentivando e enfatizando com convicção, a importância que a execução da tarefa trará ao desenvolvimento cognitivo, desfazendo-se assim, os possíveis filtros afetivos negativos que bloqueiam o aprendizado.

Atividades que proporcionem bem-estar e tragam mais segurança aos alunos em sua produção de L2, tais como exercícios gramaticais extras (muito pedido pelos aprendizes mais velhos) podem ser preparados e distribuídos sem preconceito algum aos alunos, para que assim sintam-se atendidos em suas solicitações e mais seguros no uso de determinados conceitos da língua estrangeira.

Propiciar uma abertura para que o aluno exponha suas necessidades e dificuldades ao professor, além de ser benéfico ao processo ensino-aprendizagem, torna muito melhor e mais forte a relação professor-aluno.

Holec, *apud* Ciliberti, (1990,[1994, p.41]) afirma sobre o processo de ensino: *[...] un tipo di intervento educativo che ha l'obbietivo di aiutare ad apprendere.* Segundo Holec, existem duas formas de ensino: a primeira exclui qualquer participação ou intervenção do aluno nas decisões; a segunda, ao contrário, desenvolve no aprendiz a capacidade de interferir nas decisões e escolhas que se relacionam ao seu aprendizado.

Ciliberti acrescenta que com esta segunda postura, o professor adota uma pedagogia de transparência, informando ao aluno os objetivos que pretende atingir, as razões de determinadas atividades, bem como sobre o conteúdo que será trabalhado. O aluno torna-se consciente de seu processo de aprendizagem e assim pode interferir nas escolhas e procedimentos metodológicos

adotados, tornando-se seu próprio árbitro. Em se tratando de alunos mais velhos, percebe-se que a melhor postura a ser adotada é a segunda, pois faz valer as escolhas dos próprios aprendizes.

2. PRINCIPAIS FERRAMENTAS UTILIZADAS EM AULA

Dentre tantas opções de materiais didáticos que se encontram no mercado para o ensino de idiomas hoje em dia, não é possível prender-se em um só tipo de abordagem. Pode-se mesclar diversos tipos de materiais nas aulas, pois, como se sabe, não existe um único material que atenda a todas as exigências e preferências.

Durante os níveis básico e intermediário o manual *Línea Diretta*[6] torna-se uma boa opção por ser mais dinâmico e atualizado, além de vir acompanhado de um CD de áudio que traz diálogos de situações comunicativas reais, isto é, com falantes nativos utilizando velocidade normal na fala, além de diálogos que variam do coloquial ao culto, trazendo ao aluno estas duas variantes da língua.

Como diz Ciliberti (1994, p.49): *I sillabi devono mirare cioè ad offrire al discente occasioni di uso linguistico il più possibile spontaneo ed autentico.* Dessa forma, a escolha de um manual como o Linea Diretta, adeqüa-se e preenche, satisfatoriamente, as principais necessidades iniciais no ensino de língua italiana.

[6] Linea Diretta vol.1e 2 – Guerra Edizione – Perugia, 1997

Nos níveis avançados o material é bastante amplo. Pode-se utilizar desde livros, Cds de áudio até Dvds ou a Internet.

Adotando ou não um material didático específico para as aulas, nada impede que também mesclem-se atividades extras, retiradas de outros materiais didáticos, como diálogos, exercícios gramaticais e de vocabulário, textos literários, publicitários ou jornalísticos, entrevistas, quadrinhos, receitas culinárias, Internet e tantos outros recursos que se mostrarem indicados às propostas pedagógicas e ao desenvolvimento dos alunos, principalmente desses alunos mais velhos.

Mesclando atividades complementares, afasta-se a monotonia que muitas vezes se instala quando se segue passo a passo só o livro didático. Também promove-se um clima de suspense positivo nos alunos pois estarão sempre aguardando qual novidade será trazida a cada aula e o que lhes caberá executar.

Seja qual for a faixa etária dos alunos, é importante que a monotonia seja afastada das aulas e que o dinamismo, a descontração e a surpresa sejam sempre uma constante, independentemente do material didático utilizado.

Promover também situações afetivas positivas na prática pedagógica é sempre um forte aliado para que se consigam bons resultados com os alunos e, para tais finalidades, é interessante que se busquem atividades que propiciem e facilitem este objetivo como algumas que serão citadas nas próximas páginas.

3. USO DAS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS: RELEVÂNCIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A expressão “ferramentas tecnológicas” refere-se ao uso de todas as novidades eletrônicas que se encontram à disposição dos professores para incrementar suas aulas. São os famosos aparelhos eletro-eletrônicos tais como: videocassete, Dvds, toca-fitas ou CDs, além do mais completo de todos, o computador com acesso à Internet.

A pergunta é: até que ponto, a utilização de todas estas ferramentas tecnológicas é importante na prática de ensino de língua estrangeira?

Para Balboni (1994, p.51), estes aparelhos têm um papel secundário, isto é, não substituem o professor, funcionam apenas como catalisadores, dando suporte às aulas, incrementando e facilitando alguns procedimentos metodológicos: *L’insegnante ha un ruolo di facilitatore e di guida e le macchine didattiche non sostituiscono l’insegnante ma fungono da catalizzatori, servono cioè a rendere possibili o più efficienti alcuni percorsi di acquisizione linguistica.*

Por outro lado, levando-se em conta que, no ensino de língua estrangeira em que prevalece uma abordagem comunicativa, essas ferramentas tornam-se grandes aliadas ao professor pelos seguintes fatores:

1. O ensino de L2 não se dá num contexto real, isto é, os alunos aprendem a língua italiana no Brasil, com professor brasileiro, sendo assim, para que possam ouvir seqüências sonoras de situações reais, com falantes nativos do idioma, isto só se torna possível através do uso de

fitas ou cds de áudio, filmes em vídeo, ou através de programas captados pelo computador via Internet. Citando Balboni (1994, p.108):

> Tecnologie catalizzatrici sono quei mezzi che consentono un'azione didattica che non si può realizzare in maniera soddisfacente senza il supporto tecnologico. Non si può presentare la lingua nella sua essenza orale senza un registratore audio: se è vero che per insegnare l'italiano è indispensabile presentare la lingua orale, parlata da voci maschili e femminili, giovani e anziane, di Milano e di Bari, allora il registratore è necessario perchè rappresenta il 'catalizzatore' che può rendere possibile la 'reazione'.

Hoje em dia, tendo-se à disposição todos estes equipamentos eletrônicos com recursos audiovisuais atualizadíssimos, é quase impossível não fazer uso destas ferramentas 'catalisadoras' em nossas práticas pedagógicas. É uma forma muito eficiente para colocar os alunos em maior contato com a língua estrangeira em situações reais através de diálogos, filmes, documentários, entrevistas, ou outros meios.

2. O ensino está focado na comunicação, em compreender e se fazer compreender em situações reais em que o idioma seja utilizado. Eis aí mais uma vantagem em se utilizar estas ferramentas, pois, através da audição de diálogos, músicas, filmes, dentre outros, os alunos podem exercitar suas habilidades de compreensão oral no idioma, além de poderem melhorar a pronúncia, fixarem melhor estruturas frasais e vocabulário.

3. O aluno deve ter contato com uma língua viva, isto é, a língua utilizada pelos falantes nativos no dia-a-dia, em suas diversas modalidades, assim sendo, tanto o vídeo como o computador facilitam neste aspecto, pois, representam um importante subsídio no ensino da língua, já que são ótimos instrumentos para mostrar características lingüísticas e culturais do idioma estrangeiro.

> È possibile infatti insegnare italiano a stranieri anche senza il video. Tuttavia, la potenza semiotica di questo mezzo, la sua capacità di presentare visivamente un contesto e di far perno sulla dinamica situazionale per aiutare la comprensione ne fanno un sussidio prezioso per la didattica dell'italiano (...) (BALBONI, 1994, p.109)

Atualmente, levando-se em conta que na maioria das escolas de idiomas todas essas ferramentas encontram-se à disposição docente, não há por que não utilizá-las, visto que, só trarão benefícios tanto aos alunos quanto aos professores, principalmente àqueles não-nativos.

A seguir, seguem-se algumas atividades desenvolvidas com sucesso durante as aulas de língua italiana com o grupo de nível avançado.

4. EXEMPLOS DE ALGUMAS ATIVIDADES MOTIVADORAS QUE SURTIRAM BONS RESULTADOS ENTRE OS ALUNOS

4.1. Atividade 1: RODA-VIVA

Objetivos: Promover uma maior interação entre os alunos através da partilha de informações pessoais, curiosidades e experiências de vida de cada um; melhorar a fluência oral no idioma e, principalmente, criar uma atmosfera amistosa, lúdica, e descontraída em sala de aula.

Procedimento: Na segunda parte da aula, após a correção dos exercícios programados, todos os alunos são colocados em círculo e a proposta é lançada. Explica-se que se trata de um exercício como o programa da TV Cultura, o Roda-Viva em que um aluno será sorteado para ser entrevistado pelos colegas.

Os nomes são escritos, enrolados em papel e colocados dentro de uma caixinha, para o sorteio do entrevistado.

Pede-se que um do grupo retire um papel com o nome do sorteado e, logo depois este se senta no meio do círculo, já preparando-se para responder às perguntas dos colegas. Cada aluno deverá fazer uma única pergunta por rodada, estipulando-se, de acordo com o número de entrevistadores, a quantidade de rodadas. Quanto menor o número de alunos, maior poderá ser a de rodadas e vice-versa.

Quando apliquei esta atividade, conforme o avançar das perguntas e respostas dadas, os alunos foram se empolgando e ao avisar que estavam na última rodada, pediram mais uma. Porém, em consideração à entrevistada que já havia respondido a quinze perguntas, as regras iniciais foram mantidas e na semana seguinte haveria continuidade e novo sorteio.

O interessante foi perceber que, além de se divertirem muito, alguns alunos preparavam em casa, as perguntas que fariam ao próximo entrevistado, chegando já munidos das questões para a entrevista.

Quando existe a percepção de que uma atividade é bem recebida e surte efeito positivo, é bom repeti-la outras vezes, em aulas alternadas para que não vire rotina. O mesmo não é aconselhável quando se dá o inverso, porque os alunos se sentirão, previamente, incomodados só em saber o que lhes aguarda.

Introduzir atividades que aliem um pouco de diversão ao conteúdo, torna as aulas mais ricas, mais dinâmicas e produtivas, pois, além de propiciar uma maior integração entre todos,

descontrai e fortalece laços de união e amizade que já existem, sem contar que a aula flui muito mais leve e veloz.

4.2. Atividade 2: SESSÃO DE CINEMA COM O FILME *LA FINESTRA DI FRONTE*

Antes de descrever a atividade, algumas observações pertinentes a este procedimento devem ser levadas em conta.

Ao escolhermos um filme é preciso verificar o grau de dificuldade que apresenta. Os alunos precisam compreender os diálogos e nem sempre isto acontece.

Em certos filmes há o problema de dicção de alguns atores, o uso de gírias e diálogos concomitantes que atrapalham o reconhecimento do que cada personagem está dizendo. Em outros é o próprio som da gravação, que sai distorcida ou abafada, quase impossível de se ouvir.

Sendo assim, de acordo com o nível do grupo e o grau de dificuldade que terá para compreender os diálogos, é indicado que se opte por utilizar, além do áudio, também legendas em italiano. Este procedimento só é possível no caso de Dvds italianos em que as legendas são feitas para surdos. Deste modo os alunos podem acompanhar e compreender melhor a seqüência das cenas.

Caso não haja legendas em italiano, o professor precisa discutir com os alunos qual a melhor opção de apresentação: com ou sem legendas. Não adianta insistir em passar um filme sabendo que quase nada será compreendido. Talvez, apenas alguns trechos sem legendas possam

ser mostrados para que a atividade não se torne cansativa, nem cause irritação em alguns alunos que, não conseguindo entender, sentem-se desestimulados e não atingem os objetivos esperados.

Compreender diálogos de filmes em outro idioma exige muito treino auditivo, empenho, atenção e, principalmente, desejo de querer superar cada vez mais novos desafios. O professor pode ajudar, não só trazendo para aula esses recursos, como incentivando os alunos a, sempre que possível, fazer uso destas ferramentas em suas próprias casas, assistindo a outros filmes e assim, familiarizando-se com o som do idioma estrangeiro.

Objetivos: Conforme já mencionado anteriormente, é sempre interessante utilizar vídeos ou Dvds com filmes, documentários, propagandas ou qualquer outro tipo de produção audiovisual em que haja falantes nativos como destaque. Este tipo de atividade proporciona aos alunos um contato com situações reais da cultura italiana, através de cenas que, entre outras coisas, mostram o cotidiano do povo, seu comportamento, forma de expressão verbal e não-verbal de seus falantes. Mostra as diferenças culturais e econômicas entre a Itália meridional e a setentrional, a Itália do passado e a moderna, retificando (ou ratificando) alguns estereótipos que muitos brasileiros têm sobre a Itália e os italianos.

Além de propiciar um trabalho cultural, conforme mencionado acima, proporciona também realizar com os alunos uma análise mais detalhada e exercícios diferenciados com as expressões idiomáticas utilizadas, com os verbos pronominais e pronomes combinados, sendo todos estes, elementos de forte incidência na produção oral dos falantes nativos de língua italiana. Desta forma, facilitará uma melhor aceitação e assimilação de conteúdos gramaticais já vistos, porém, pouco utilizados, devido às interferências da língua materna.

Procedimento: Pelo fato do filme escolhido apresentar elementos muito significativos tanto de natureza psicossocial, quanto histórico, permitiu-nos que, após sua apresentação fossem promovidas diversas atividades que variaram desde uma análise interpretativa dos principais elementos temáticos apresentados como também uma análise de ordem gramatical e semântica com o vocabulário utilizado pelos personagens. Sendo assim, foram propostas as seguintes atividades aos alunos:

- Comentários individuais sobre o enredo do filme;
- Opinião pessoal sobre o principal tema abordado na história: os conflitos vivenciados e as decisões que somos obrigados a tomar ao longo de nossas vidas, muitas vezes, com o coração dividido;
- Produção de texto narrativo (para ser elaborada em casa), dando continuidade à história, ora mantendo, ora mudando o final.
- Leitura e análise textual da carta escrita pelo personagem, David Veroli ao seu amado, Simone, apresentada no filme[7];
- Audição, transcrição e análise da letra da música[8], tema principal da trilha sonora do filme e a inter-relação desta com o enredo apresentado.
- Audição e repetição das principais expressões frasais coloquiais apresentadas nos diálogos, com especial atenção ao uso dos verbos pronominais e pronomes combinados;
- Elaboração de frases com algumas expressões e verbos pronominais escolhidos.

[7] Conf. Anexo p. 120
[8] Conf. Anexo p. 121

Observa-se que a atividade contempla as quatro habilidades: compreensão oral, produção oral, compreensão escrita e produção escrita**.**

4.3. Atividade 3: TRANSMISSÃO DE UMA ENTREVISTA (VIA INTERNET) CAPTADA DO SITE *WWW.REPUBBLICARADIO.IT*

Para alguns professores, ainda há certa resistência em relação ao uso de computadores em suas aulas. É o que Balboni chama de *computerfobia* (1994, p.111).

Segundo o autor, várias são as razões que levam um professor de idiomas a não querer usar o computador em suas aulas, uma delas é sentir-se ameaçado pela máquina: *(...) Possono sentire minacciato il loro status di insegnanti competenti (...).* A solução encontrada para resolver este problema é alunos e professores adotarem uma postura cooperativa durante esta prática, isto é, trabalhando como uma equipe, na qual, aqueles que conhecem mais, ajudem quem conhece menos.

Com um grupo de terceira idade, onde são poucos os alunos abituados a utilizar computadores, é melhor que o professor já conheça esta ferramenta, não só para conduzir os objetivos da aula com destreza, como para ter condições de ajudar os alunos menos experientes. A familiaridade do professor com os recursos desta ferramenta são imprescindíveis para o sucesso da aula, caso contrário, a atividade programada poderá se tornar infrutífera. Como afirma Balboni (1994, p.111): *Esaltato o detestato, questo strumento è tuttavia neutro in sé: la sua funzione e validità dipendono dal programma, dal software.*

Objetivos: Familiarizar os alunos com os recursos que o computador e a Internet trazem para o aprendizado de língua estrangeira, mostrando-lhes que tais ferramentas podem incrementar as aulas, auxiliando o professor no desenvolvimento de algumas estratégias de aprendizagem que visem ao desenvolvimento de habilidades auditivas, tais como a compreensão de seqüências sonoras captadas diretamente da Itália.

Incentivar os alunos a fazerem uso desta ferramenta (caso a possuam em casa) sempre que desejarem, como forma de reforço ao próprio aprendizado.

Procedimento: Os alunos foram levados para o laboratório de informática e lá foram acomodados em duplas, sendo que cada dupla usava um computador.

As duplas foram distribuídas de forma que os que estavam mais habituados com o computador sentavam-se com aqueles que estavam menos habituados.

Após acomodarem-se, foram executando passo a passo as etapas que deveriam seguir até chegarem a página desejada: www.*repubblicaradio.it.*

Ao abrirem tal página, tiveram que ouvir, com atenção, a transmissão de uma entrevista por duas vezes seguidas. Após a audição, deveriam responder a um questionário que sondava a compreensão da entrevista através de perguntas bastante pontuais.

Estavam tranqüilos, pois sabiam que, caso fosse necessário, poderiam ouvir mais uma ou duas vezes a mesma transmissão, fazendo as anotações que julgassem pertinentes para responderem o questionário. Com esta possibilidade, ficaram mais relaxados e executaram a atividade com mais facilidade.

Os resultados obtidos foram satisfatórios e mostraram uma ótima compreensão da entrevista. Esta constatação serviu-lhes para fortalecer a auto-estima e a convicção de que estão aptos para compreender, sem dificuldades, falantes nativos italianos em situação de conversação normal.

A atividade contemplou duas habilidades: compreensão oral e produção escrita.

4.4. Atividade 4: PESQUISA E APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO SOBRE UMA PERSONALIDADE

Nesta atividade, existe a possibilidade de se trabalhar duas habilidades ao mesmo tempo. A primeira é incentivar a pesquisa na Internet, abrindo páginas de *sites* em italiano e retirando informações sobre a personalidade que se deseja apresentar à classe; a segunda é trabalhar a oralidade na língua, exercitando a fluência no idioma e a capacidade de transmitir sua mensagem, no idioma estrangeiro, aos companheiros de classe.

Durante a apresentação de um seminário em língua estrangeira, todos em sala estão se monitorando, percebendo incorreções cometidas, bem como pontos que deverão ser corrigidos e melhorados nas próximas apresentações. O próprio aluno que discursa reconhece suas dificuldades e procura empenhar-se mais para saná-las.

Ocorre também, que alguns alunos intimidam-se diante desta atividade, ou por não se sentirem suficientemente confiantes, ou mesmo por timidez. Nestes casos, o apoio do professor e dos colegas de sala torna-se muito importante, pois, ao se sentir acolhido em meio ao seu grupo,

este aluno recupera a confiança em si mesmo e encontra coragem para continuar seu discurso, sabendo que todos ali são seus aliados e não uma comissão julgadora que excluirá quem não for bem sucedido.

Com grupos de terceira idade, em situações como esta, é muito comum os próprios colegas começarem a ajudar um companheiro em dificuldades quando este não se recorda de frases ou palavras de seu discurso, para que assim, ele se sinta apoiado e prossiga sua comunicação com mais tranqüilidade.

O clima de camaradagem em sala juntamente com fatores psicológicos de cada um, são muito importantes para que a atividade se realize sem problemas. Exatamente como menciona Rivers (1975, p.188):

> Se o relacionamento professor-aluno for tenso, ou se o estudante não se sentir à vontade entre os colegas, possivelmente concluirá que sua mensagem não os interessará muito ou não será apreciada. Poderá, também, se ressentir muito fortemente de suas limitações no idioma estrangeiro e achar que, se usar esse veículo de comunicação, estará se sujeitando à censura e ao ridículo.

Conhecer o potencial e as características psicológicas de cada aluno é muito importante não só neste tipo de atividade como em qualquer outra, pois, de acordo com este comportamento, haverá um determinado resultado.

> Há alunos que, por natureza, são cautelosos ou cheios de cuidados e meticulosos; outros ainda são exageradamente sensíveis, o que os deixa facilmente embaraçados ou contrariados quando corrigidos ou não compreendidos. Nessas condições, preferem nada dizer a se exporem ao risco de se exprimirem incorretamente. (RIVERS, 1975, p.189)

Durante a apresentação dos alunos, é importante que o professor não fique corrigindo continuamente algumas imperfeições que por ventura surjam, pois, uma marcação contínua a qualquer erro, seja de pronúncia ou gramatical, poderá levar o aluno a desanimar, perder o fluxo de seu pensamento e, consequentemente, interromper, antes do almejado, a sua apresentação. O que se aconselha nestes casos, é que se façam anotações dos aspectos mais problemáticos que surgiram durante a apresentação e após esta, uma discussão aberta com todo o grupo.

Objetivos: Aumentar a fluência no idioma, incentivar a pesquisa na Internet diretamente de sites italianos, incrementar o vocabulário em língua estrangeira, apurar a pronúncia, corrigindo possíveis falhas que tendem a fossilizar.

Procedimentos: Primeiramente, cada aluno escolhe uma personalidade (nacional ou internacional) que deseja pesquisar como tarefa extraclasse para apresentar aos colegas em data pré-fixada pelo professor.

No dia marcado, cada aluno faz sua apresentação aos colegas e ao professor, o qual, vai fazendo as anotações que julgar pertinentes para posterior discussão com o grupo.

Nesses casos, Rivers (1975, p.199) aconselha o professor a utilizar uma ficha de avaliação onde possa marcar os erros cometidos sistematicamente, para poder, depois, auxiliá-lo a sanar tais dificuldades. Em alguns casos, a dificuldade não é só daquele aluno, mas de todo o grupo e, portanto, a revisão deverá ser feita para todos após a apresentação.

Essa atividade contempla as quatro habilidades: compreensão oral, compreensão escrita, produção oral, produção escrita.

4.5. Atividade 5: TRANSCRIÇÃO DE LETRAS DE MÚSICAS

Essa é uma atividade muito bem-vinda e, portanto, pode ser usada sistematicamente, principalmente, em grupos avançados.

Além de funcionar como um momento de descontração e relaxamento, após uma longa série de exercícios exaustivos, a música traz prazer, resgata emoções e cria um elo de ligação maior entre o grupo que a executa em um coro uníssono.

Olhando pelo lado prático e metodológico, a música ajuda a fixar pronúncia, entonação, facilita a memorização da forma escrita dos vocábulos reconhecidos e ainda pode ser utilizada para fixar algum conteúdo gramatical.

Em grupos avançados, a transcrição de letras de músicas funciona como um forte aliado para exercitar as habilidades de compreensão oral do idioma estrangeiro.

Objetivos: Aumentar a habilidade de compreensão oral, levando o aluno a compreender e identificar seqüências sonoras produzidas por falantes nativos do idioma; melhorar a escrita através da transcrição da letra; unir diversão ao aprendizado; aumentar o vocabulário; fixar pronúncia e entonação e descontrair a aula.

Procedimentos: Primeiramente, a música escolhida deverá ser condizente com o nível de aprendizado dos alunos. Após a escolha, o professor coloca o Cd, deixa a música tocar, fazendo pequenas pausas durante a execução enquanto os alunos transcrevem a letra.

Após repetir a canção por mais duas vezes (fazendo as pausas necessárias), pede-se que os alunos troquem informações, comparando, entre eles, os resultados obtidos, completando algumas seqüências que perderam, ou mesmo, debatendo divergências que surgiram na compreensão de uma palavra ou outra.

Depois dessa etapa, coloca-se a música mais uma vez (desta vez sem pausas) e pede-se que apresentem suas transcrições, corrigindo-as sempre que necessário e, em caso de dúvida, repetindo a seqüência duvidosa. Para finalizar a atividade, entrega-se a cada um a letra original devidamente digitada, para que também possam fazer uma correção ortográfica de seus escritos. Feito isso, é só convidá-los para cantar todos juntos, num alegre e sonoro coral que é a parte mais divertida da atividade.

A atividade contempla as quatro habilidades: compreensão oral, compreensão escrita, produção oral, produção escrita

CAPÍTULO V - A TERCEIRA IDADE NAS PRÓXIMAS DÉCADAS: PERSPECTIVAS E NECESSIDADES

1. O AUMENTO SIGNIFICATIVO DE IDOSOS NO BRASIL E NO MUNDO

De acordo com a Divisão de População do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, prevê-se que, em 2050, as pessoas com mais de 60 anos representarão 32% da população mundial. Isto quer dizer que o número de idosos de 60 anos irá triplicar, dos 705 milhões atuais para quase 2 bilhões em 2050.

A coordenadora do Estudo Global sobre o Envelhecimento e Saúde Adulta da Organização Mundial da Saúde (OMS), Somnath Chatterji, disse à imprensa em 11/04/07: “Minha mensagem é que o envelhecimento da população é algo que deve ser abordado. Há uma mudança dramática que atingirá tanto o mundo em desenvolvimento como o desenvolvido”

Segundo Chatterji, pela primeira vez na história, em 2050, o número de idosos superará o de crianças. A Itália será o segundo país onde haverá a maior população idosa, atrás apenas da Espanha, previu Chatterji em sua declaração.

Hoje, a região latino-americana e caribenha conta com 10% da população com mais de 60 anos, e existe a expectativa de que a percentagem aumente para 24% em 2050.

Chatterji declarou também, que os países em desenvolvimento envelhecerão antes de se tornarem ricos, fato que aponta uma urgência no financiamento e implementação de programas assistenciais e aos serviços de saúde voltados ao idoso.

Quando Chatterji menciona: *países em desenvolvimento e implementação de projetos assistenciais ao idoso*, imediatamente vislumbra-se o Brasil que muito pouco tem realizado nesta área. Portanto, está à beira de um grande caos na área da Previdência Social e da Saúde, se nenhuma política emergencial for adotada em prol da população que está envelhecendo e, em breve, engrossará o número de idosos previsto para as próximas décadas.

Dessa forma, um dos grandes desafios deste século será cuidar de uma população de mais de 32 milhões de idosos, a maioria com baixo nível socioeconômico e educacional, como afirma a especialista em Geriatria e Gerontologia pela SBGG[9], Elizabete Viana de Freitas. (PY, et al., 2004)

Como já foi mencionado nas páginas iniciais deste trabalho, todos os projetos e incrementos na área de Gerontologia serão de extrema utilidade e necessidade, para promover qualidade de vida, bem-estar, e, acima de tudo, exercício de plena cidadania a todos os brasileiros que muito já contribuíram para o desenvolvimento desta nação. Além disso, esses projetos podem validar os princípios das Nações Unidas para pessoas idosas que são: Independência, Participação, Cuidado, Auto-satisfação e Dignidade.

[9] Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

2. O IDOSO EM 2020 E EM 2050: PERFIL, DESEJOS E NECESSIDADES

De acordo com todos os avanços na área da Saúde, tudo indica que a terceira idade em 2020 aparentará mais jovem, tanto fisicamente quanto mentalmente, isto é, se as condições físicas e psicológicas forem levadas em equilíbrio e harmonia durante todo o processo do envelhecimento.

Sabe-se que cuidados com a alimentação, exercícios físicos regulares, uma vida regrada e bem vivida são fatores essenciais para que o envelhecimento seja lento e equilibrado. Continuar estimulando as atividades cerebrais através de estudos continuados é também mais uma forma muito importante para um envelhecimento saudável e harmonioso.

Com o avanço cada vez maior de programas voltados à terceira idade, como vemos através das Universidades da Terceira Idade, é de se imaginar que o idoso, nas próximas décadas, terá uma grande gama de opções em cursos a sua escolha. Poderá freqüentar diversos cursos livres ou regulares, conforme preferir. É bem provável que esta procura aumente gradualmente e que, em 2050, englobará quase a totalidade de indivíduos nesta faixa etária.

Hoje em dia, exceto nas grandes cidades, a freqüência de idosos em cursos voltados à terceira idade, ou mesmo em cursos regulares ainda é muito tímida. Talvez, isto se deva a um processo cultural um tanto quanto preconceituoso em que os próprios idosos, muitas vezes, intimidam-se diante de tantas novidades e opções vislumbradas. Diante do novo, do desafio, do que os outros vão pensar, acabam se sentindo mais seguros nas suas velhas e corriqueiras funções: dentro de casa bordando, cozinhando, assistindo televisão, jogando dominó e cuidando dos netos.

Felizmente, este pensamento está mudando, mas o processo é ainda lento, porém contínuo e crescente. O adulto que hoje tem cerca de 40 anos, moderno, participativo e atuante em plena era tecnológica, em 2020 será o adulto maduro de 60 anos que continuará realizando e aproveitando todos os benefícios e oportunidades que lhe forem oferecidos em todos os níveis (saúde, educação, lazer, dentre outros benefícios).

Sendo assim, o idoso do futuro, poderá optar livremente em dividir seu tempo livre ficando em casa cuidando dos netos e assistindo a programas de televisão, ou quem sabe, freqüentar cursos, praticar esportes, enfim, cuidar mais de seu corpo e mente.

É importante salientar que qualquer que seja a escolha feita, uma não excluirá a outra, isto é, ao mesmo tempo em que se dedicam à família, podem também praticar atividades sócio-educativas fora de casa, é só uma questão de saber gerenciar o tempo.

Precisa-se pensar também que, talvez, nenhuma das previsões se encaixe ao idoso do futuro, pois, seguindo tendências modernas, em que muitos aposentados estão sendo chamados de volta às empresas para trabalhar, pode-se contar, então, com mais essa possibilidade.

Continuar trabalhando, mesmo depois da aposentadoria, pode ou não representar um ganho ao indivíduo. Tudo dependerá de uma série de fatores que vão desde sua situação financeira, até a questão da satisfação pessoal. No Brasil, onde todas as decisões que dizem respeito ao povo são tomadas por políticos pouco compromissados com a população, somadas à incerteza de uma aposentadoria digna, nunca se sabe se o futuro dos trabalhadores estará ou não garantido. É por essa razão que o trabalho poderá significar ao idoso tanto a garantia da sua sobrevivência, como uma simples satisfação pessoal, como se prefere imaginar.

Na Europa, Estados Unidos e Japão, onde foram instaurados o Estado de Bem-estar Social, os idosos contam com programas e serviços que lhes garantem um final de vida amparado, do ponto de vista material. No Brasil, apenas aqueles que detêm maior poder aquisitivo é que podem usufruir de um envelhecimento com esta mesma qualidade, do ponto de vista material.

A partir dessa constatação, percebe-se que a luta por melhores condições de vida ao idoso das próximas décadas está apenas no começo, muito ainda há de se fazer para que já em 2020, o idoso brasileiro possa contar com uma vida digna e com a segurança de que suas necessidades básicas (saúde, alimentação e moradia) estejam garantidas.

Quanto à questão relacionada ao usufruto dos benefícios e facilidades que os aparelhos eletrônicos poderão trazer, provavelmente, será uma tarefa muito rotineira para o idoso do futuro. Celulares, computadores (portáteis ou não), mp3, mp4, pendrives e palmtops são alguns exemplos de aparelhos que já fazem parte da rotina de muitos jovens e adultos brasileiros hoje, especialmente daqueles de nível socioeconômico mais elevado. Sabendo-se que esses indivíduos serão os idosos de 2020, pode-se deduzir que, provavelmente, não sentirão nenhuma dificuldade em utilizar essas e outras novidades que ainda serão inventadas.

Quanto ao idoso de 2050 que é o jovem que hoje tem por volta de 18 a 20 anos, o que se pode prever a respeito dele?

Primeiramente, é preciso olhar quem é esse jovem, como vive, quais seus principais anseios e imaginá-lo daqui a 50 anos. Isto significa que, cada vez mais, as necessidades do público mais velho estarão em transformação, exigindo profundas e significantes mudanças em

todos os níveis, principalmente, no que tange à afetividade e comportamentos, que é justamente a maior incógnita para o futuro.

É fácil perceber que, enquanto o avanço científico e tecnológico progride muito ano a ano, pouco tem sido a atenção dada às questões afetivas, tão importantes ao homem. Por essa razão, talvez, tudo o que estiver ligado ao resgate de valores, ao equilíbrio emocional, à vida em sociedade, será a maior procura do idoso em 2050. A finalidade é não deixar desaparecer o respeito, a lealdade, a justiça, a tolerância e tantas outras virtudes essenciais ao equilíbrio e bem-estar humano as quais vêm decaindo nos últimos anos.

Cursos que trabalhem e proporcionem o equilíbrio entre o corpo e o espírito serão, talvez, as maiores procuras dos idosos em 2020 e 2050. Já o são para muitos idosos e não idosos de hoje, principalmente aqueles que sentem que a vida não é só o aqui e o agora, mas que existe algo mais, muito além do que os olhos podem enxergar e a razão explicar.

CONCLUSÃO

É nesse ir e vir de perdas e aquisições, de desejos e realizações, buscas e encontros que se dá a inserção de indivíduos da terceira idade em salas de aulas de idiomas.

Buscam, principalmente, o envolvimento com algo que lhes dê prazer, mas também que lhes permita mostrar que a capacidade de um indivíduo para o aprendizado não está relacionada à idade cronológica e sim ao desejo de ser, estar, integrar-se, cooperar, atualizar-se, emocionar-se, completar-se. É o sentimento íntimo que temos, como indivíduos, de sermos inacabados e por isso buscarmos elementos que promovam plenitude.

A busca por conhecimento, pela aprendizagem de um idioma, representa uma forma de realizar esse desejo de complementação, de busca evolutiva, de identificação com o outro, com o estrangeiro, e com todo o universo de significações que isso possa trazer. Finalmente livre para encontrar e trilhar seu próprio caminho, a terceira idade sai em busca de realizações, muitas vezes, proteladas há anos por fatores sociais e culturais diversos. É chegada a hora da tão sonhada libertação, de executar exatamente aquilo que projetaram durante anos.

Em contraste com a baixa motivação e o desânimo de alguns jovens durante o aprendizado, principalmente em ambientes de ensino formais, vemos o entusiasmo, a assiduidade e o bom aproveitamento dos idosos nas aulas, além da disposição e vontade de continuar sempre aprendendo.

Participando de cursos e atividades diversas, o idoso entra em contato com pessoas diferentes do seu núcleo familiar que compartilham sonhos e interesses afins. Resgata também sua própria juventude, criando novas metas, ampliando horizontes, lançando-se ao futuro e, consequentemente, dissipando possíveis crises de melancolia ou depressão.

É justamente pensando no aluno idoso de hoje e do futuro, que as instituições de ensino, as práticas pedagógicas, os materiais didáticos e a formação docente precisam se organizar para atender satisfatoriamente a esse público em crescimento, o qual, cada vez mais exigirá uma metodologia adequada e direcionada às suas expectativas e necessidades específicas. Em função do provável aumento de idosos em cursos regulares e nas Universidades da Terceira Idade, é importante que os cursos de formação de professores comecem a repensar seus currículos, inserindo disciplinas que abordem, principalmente, o ensino à terceira idade.

Atuar como coadjuvante e colaborador nesse processo de descobertas de potenciais, é, sem dúvida, uma experiência marcante na vida de todos os profissionais de ensino que trabalham com alunos idosos. Não só se ensina como se aprende muitas coisas, dentre elas, a tolerância e a descoberta de que a vida é uma experiência infinita de conquistas, aprendizagem e superações constantes de obstáculos e desafios.

Descobre-se que o maior companheiro de estrada de qualquer um de nós, a única pessoa que nos seguirá por toda a vida, somos nós mesmos, e por isso, seja no início ou no final de nossas vidas, temos que aprender a nos amar.

Aprende-se a respeitar as diferenças e, através do convívio, minimizar a distância entre gerações, compartilhando experiências, aprendendo e ampliando universos.

Acima de tudo, esse convívio nos ensina a envelhecer e leva-nos a refletir e analisar com mais atenção e melhor as escolhas e os caminhos traçados no presente, cujas conseqüências nos surpreenderão no futuro.

Em uma época na qual professores vivem estressados, frustrados e desestimulados diante de crianças e adolescentes sem limites, violentos e apáticos, o público idoso pode representar um novo e gratificante caminho de inúmeras possibilidades, descobertas, conquistas e realizações pessoais e profissionais.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

BALBONI, P.E. *Didattica dell'italiano a stranieri.* Roma: Bonacci, 1994.

BEAUVOIR, S. *A velhice.* São Paulo: Ed. Difusão Européia do livro, 1970.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.* São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CÍCERO, Marco Túlio. 103-43 A.C. *Saber envelhecer e A amizade.* Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2002.

CILIBERTI, A. *Manuale di glottodidattica: per una cultura dell'insegnamento linguistico.* Firenze: La Nuova Italia Editrice, Scandicci, 1994.

CORACINI, M.J. *A celebração do outro na constituição da identidade.* In: *Organon.* Porto Alegre: UFRGS, 2003.

ELLIS, R. *The study of second language acquisition.* Oxford: Oxford University Press, 1994.

FERRIGNO, J.C. *Co-Educação entre Gerações.* Petrópolis – R.J.: Ed. Vozes, 2003.

HADDAD, E.G.M. *A ideologia da Velhice.* São Paulo: Cortez, 1986.

KRASHEN, S.D. *Principles and Practice in Second Language Adquisition.* Oxford Pergamon, 1982.

LICERAS, J.M. *Hacia um modelo de analisis de la interlengua.* In: *La Adquisición de las lenguas extranjeras.* Madri: Visor, 1991.

LIMA, M.P. *Gerontologia Educacional – Uma Pedagogia específica para o idoso. Uma nova concepção de velhice.* Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontificia Universidade Católica. São Paulo, 2000.

LUCKESI, C.C. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.* São Paulo: Cortez, 2000.

MOITA LOPES, L.P. *A formação teórico-crítica do professor de línguas: o professor-pesquisador.* In: *Oficina de Lingüística Aplicada.* Campinas: Mercado de Letras, 1996.

NERI, A.L. & YASSUDA, M.S. (orgs.) *Velhice bem-sucedida: Aspectos afetivos e cognitivos.* Campinas, SP: Papirus, 2004. (Coleção Vivaidade)

NERI, A.L.& FREIRE, S.A (orgs.) *E por falar em boa velhice.* Campinas, SP: Papirus, 2000.

PIZZOLATTO, C.E. *Características da construção do processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira (inglês) com adultos da terceira idade.* Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1995.

PRETI, D. *A linguagem dos idosos.* São Paulo: Contexto, 1991.

PY, L.(org.)...(et al.) *Tempo de envelhecer: Percursos e dimensões psicossociais.* Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.

PY, L., PACHECO, J.L., MARTINS de SÁ, J.L. & GOLDMAN, S.N. *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais.* R.J: NAU Ed., 2004.

REVUZ, C. *A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio.* In: SIGNORINI, I., org.: *Lingua(gem) e identidade .Elementos para uma discussão no campo aplicado.* Campinas: Mercado de Letras, São Paulo: FAPESP, 1998, pp.213-230.

RIVERS, W. M. *Metodologia do ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Pioneira, 1975.

SCARPA, E.M. *Aquisição da linguagem.* In: MUSSALIM, F. & BENTES, A.C. orgs.: *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras.* São Paulo: Cortez, vol. 2, 2001.

SIGNORINI,I., org.: *Lingua(gem) e identidade. Elementos para uma discussão no campo aplicado.* Campinas: Mercado de Letras, São Paulo: FAPESP, 1998, pp.213-230.

VIANA, N. *Variabilidade da Motivação no Processo de Aprender Língua Estrangeira na sala de aula.* Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1990.

VITAL, S.S. *Afetividade e prática docente com idosos.* Holambra: Editora Setembro, 2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. *"Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise"* In: VERAS, Renato Peixoto(org.). *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará / UNATI-UERJ, 1995, p.29-48.

BOSI, A. *Cultura como Tradição.* In: *Tradição e Contradição.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 2ª. ed., 1997.

CAMARANO, A.A. *Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica.* In: FREITAS et al. *Tratado de geriatria e gerontologia.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p.58-71.

CHOPRA, Deepak. *Corpo sem idade, mente sem fronteiras..* Rio de Janeiro: Rocco, 3ªedição.,1994.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

GALLOWAY, O. *Psicologia da Aprendizagem e do Ensino.* São Paulo: Cultrix, 1976.

GARDNER, R.C. & LAMBERT, W. *Attitudes and Motivation in Second Language Learning.* Rowley, Mass: Newbury House Publishers, 1972.

HARLEY, B. *Age in Second Language Acquisition.* Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 1986.

HOLEC, H. *Descriptions linguistiques et enseignement/apprentissage des langues.* In: Kühlwein W., Raasch A., 1990.

LAPASSADE, G. *A entrada na Vida.* Lisboa: Edições 70, 1975.

LARSEN-FREEMAN, D. & LONG, M.H. *An Introduction to Second Language Acquisition Research.* London: Longman, 1991.

LIBÂNEO, J.C. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.* São Paulo: Loyola, 1989.

MERCADANTE, E.F. *A construção da Identidade e da Subjetividade do Idoso.* Tese de Doutorado em Ciências Sociais – PUC, São Paulo, 1998.

ROGERS, C. *Freedom to Learn.* Columbus, Merrill, 1969.

SATHLER, J. & PY, L. *Pensando perdas e aquisições no processo de envelhecer.* In: *Caminhos do envelhecer.* Rio de Janeiro: Revinter, 1994.

SELINKER, L. *Interlanguage.* IRAL, 10, pp.209-231, 1972.

SCHUMANN, J. *The Pidginization Process: A Model for second Language Acquisition.* Rowley, (Ma.), Newbury House, 1978.

SCHUMANN, J. *The acculturation model for second language acquisition.* In Gingras R. 1978.

Sites consultados:

OLIVEIRA, J.P.de. *Marcas do tempo – envelhecimento: A família e sua trajetória entre valores e gerações.* http: // www.sbggrj.org.br /artigos/marcas.htm. Último acesso em: 22/06/06 às 19h:13m.

DEBERT,G.G. *O idoso na mídia.* http: // www.sbggrj.org.br/artigos/idoso.htm. Último acesso em 22/06/06 às 19h:15m.

http: // www.terzaeta.com/news/pensioni/2005/01.html. *Rapporto OCSE: Pensioni italiane molto generose.* Último acesso em 22/06/06 às 19h:20m.

http: // www.terzaeta.com/news/marzo2006/13.html . *Censis: Anziani, bene le relazioni, male la política.* Último acesso em 22/06/06 às 19h:23m.

http: // www.terzaeta.com/news/settembre2005/22.html . *In Italia gli anziani non si sentono "vecchi".* Último acesso em 22/06/06 às 19h:25m.

http: // www.terzaeta.com/home/universita_terza_eta.html. *Università della Terza età.* Último acesso em 22/06/06 às 19h:25m.

SCHÜTZ, R. *Interlíngua e fossilização* In: *English Made in Brazil* http: // www. sk.com.br/sk-interfoss.html – 01/07/06 – Acesso em 24/07/07 às 17h00.

APÊNDICES

Os questionários abaixo foram preparados a fim de avaliar e ter como referência os diferentes perfis não só dos alunos de terceira idade, como também dos professores envolvidos.

O primeiro questionário foi respondido apenas pelos alunos, já o segundo questionário, foi direcionado aos professores de idiomas, num total de 22 professores entrevistados.

APÊNDICE 1 : QUESTIONÁRIO

Nome idade :

Nível de escolaridade:

Idioma : Nível:

1- Qual o fator (ou fatores) motivacional que o/a levou a estudar o idioma?

2- O que pretende obter com a aprendizagem do mesmo em termos de realizações pessoais?

3- Entre alguns objetivos elencados abaixo, assinale os que mais se aproximam aos seus:

a. resgatar a cultura de seus ancestrais;
b. recordar o idioma de sua infância;
c. entender e cantar as músicas, assistir programas de TV e filmes estrangeiros;
d. viagens;
e. conhecer melhor outras culturas;
f. manter-se sempre atualizado e em boas condições psicológicas;
g. fazer novos amigos, conhecer pessoas
h. sair de sua rotina

4- Comente suas escolhas

5- Qual o seu nível de satisfação em relação ao seu processo de aprendizagem do idioma :

a. Insatisfatório
b. Regular
c. Boa
d. Ótima

6- Caso tenha assinalado a alternativa “a” , justifique o porquê e dê algumas sugestões no que possa ser feito para promover uma melhora.

APÊNDICE 2 (Os itens mais assinalados aparecem sublinhados)

PESQUISA SOBRE O ENSINO DE IDIOMAS A ALUNOS MAIORES DE 60 ANOS

Responsável pela pesquisa : Maria Angela A. Gobbis Della Bella (pós-graduanda na área de Italiano – FFLCH- USP)

1- Nome:

2- Idade:

3- Idioma que leciona:

4- Quantos grupos possui ? (dentro e fora da USP)

5- Número de alunos em média por grupo:

6- Você possui alunos que estejam na faixa de **60 a 70 anos**: Sim ( ) Não ( )

(em caso positivo, continuar respondendo)

7- Quantos?

8- Como esse aluno da 3ª idade interage com os colegas mais jovens?

Muito bem ( ) Apresenta um certo desconforto ( ) Naturalmente ( )

9- Assinale dentre as dificuldades relacionadas abaixo, aquelas que você percebe com maior freqüência durante as aulas:

a- O aluno não gosta de estar em meio a colegas mais jovens ( )

b- Sente-se um pouco acanhado em meio ao grupo ( )

c- Sente-se superior a todos do grupo ( )

d- Não tem paciência com algumas brincadeiras e atividades propostas e desenvolvidas ( )

e- Apresenta dificuldades para compreender o que você explica ( )

f- Apresenta falhas constantes de memória ( )

g- Apresenta dificuldades auditivas ( )

h- Não consegue adquirir uma boa pronúncia em L2 ( )

i- É um pouco depressivo ( )

j- Fala muito em português durante as aulas por mais que eu insista em falarmos em L2 ( )

k- Freqüentemente faz comentários de sua vida pessoal e familiar mesmo não tendo sido interpelado por ninguém. ( )

10- Como os colegas mais jovens tratam-no durante as aulas:

a- Respeitam-no, porém mantêm uma certa distância ( )

b- Isolam-no na maioria das vezes ( )

c- Tratam-no de igual para igual ( )

d- É a figura mais querida no grupo ( )

e- Todos sempre se mobilizam para ajudá-lo em diversas atividades ( )

f- Sentem-se um pouco impacientes ( )

11- E quanto a você, como se sente diante deste aluno:

a- Incomodado pois sua presença me traz alguns problemas com o resto do grupo ( )

b- Natural, não vejo nenhum problema ( )

c- Muito à vontade, até aprecio tê-lo no grupo ( )

d- Adoro ter alunos nesta faixa etária ( )

e- Não gosto de trabalhar com alunos desta faixa etária ( )

12- Como é este aluno em relação a você:

a- Muito crítico, sempre quer contestar minhas práticas ( )

b- Calmo e sempre disposto a cooperar ( )

c- Normal, comporta-se como qualquer outro do grupo ( )

d- Muito gentil, procura sempre me agradar com presentes, guloseimas, etc. ( )

f- Trata-me como alguém de sua família e enche-me de cuidados ( )

g- Gosta de me contar todos os seus problemas de saúde, familiares, etc. ( )

h- Um pouco tímido, não se aproxima muito de mim ( )

13- Como é este aluno em relação aos colegas:

a- Afastado ( )

b- Apático ( )

c- Participativo e sempre querendo fazer amizades ( )

d- Impaciente com brincadeiras e conversas que fujam dos assuntos da aula ( )

e- Conversador e brincalhão até demais ( )

f- Trata todos os colegas mais jovens como se fossem membros de sua família ( )

14- Coloque, numa escala de **0 a 5** , as atividades e práticas educativas que dão ou **não** certo com alunos de 3ª idade :

a- **Audição, compreensão e repetição de diálogos em L2 só com auxílio sonoro** (48)

b- Dramatização de situações (77)

c- Competições ( )

d- Atividades em dupla/grupo ( )

e- Assistir filmes em L2 sem legenda ( )

f- Excursões programadas ( )

g- **Pesquisas em Internet** (32)

h- **Exercícios em laboratórios de Informática** (23)

h- Exercícios com Músicas ( )

i- Leitura em voz alta ( )

j- Exercícios do próprio livro didático que envolvam repetições e substituições de funções comunicativas ( )

k- Ditados ( )

l- Avaliações Orais ( )

m- Avaliações Escritas (79)

n- Redações (83)

15-Em relação ao aluno idoso, quais dentre os abaixo, apresentam mais dificuldades no aprendizado:

a- aquele que está longe da escola há muito tempo ( )

b- aquele que não possui nível universitário ( )

c- aquele que possui algum problema de saúde ( )

d- os que são mais fechados e não aceitam críticas construtivas ( )

e- aqueles que nunca estudaram idiomas ( )

16- Entre seus alunos de 3ª idade, você possui um número maior de:

a- Mulheres ( )

b- Homens ( )

c- Números iguais de homens e mulheres ( )

17- Em relação a atividades que envolvam o uso das novas tecnologias (CD-Room, Internet, Dvds etc.) como se sai esse aluno :

a- Bem, consegue fazer tudo sozinho ( )

b- Mal, tenho que estar o tempo todo a seu lado ( )

c- Razoavelmente, procurando a ajuda dos colegas quando se vê em apuros ( )

d- Muito mal, tenta fazer sozinho mas não consegue e acaba ficando nervoso ( )

18 – Até que ponto você acha necessário avaliar, dando notas de zero a dez esse aluno:

a- Totalmente desnecessário visto que ele não está interessado num certificado ( )

b- Devem ser avaliados como qualquer outro aluno ( )

c- Um mal necessário ( )

d- Deve-se acatar sua decisão em ser ou não avaliado como os demais ( )

19 –Você acha que o aluno idoso deve ser colocado em um grupo afim ou é salutar a convivência com pessoas de outras faixas etárias? Justifique.

"Salutar pois favorece a integração entre as diversas faixas etárias e incentiva o respeito pelas diferenças."

20. Em geral, qual das motivações abaixo levaram esse aluno a querer aprender um idioma estrangeiro:

a- Preencher seu tempo livre ( )

b- Realizar um velho e grande sonho ( )

c- Conhecer pessoas ( )

d- Por conselhos médicos visto que o estudo auxilia a memória e previne o Mal de Alzheimer ( )

e- Acompanhar um amigo ( )

f- Sentir-se mais jovem e melhorar sua auto-estima ( )

g- Fugir da solidão e de alguns problemas ( )

h- Outros ( ) Quais?

ANEXOS

ANEXO 1. ***Lettera del Signor David Veroli al suo amato Simone che è stato ucciso in un campo di concentramento nazista nel 16 ottobre, 1943.***

“ Mio caro Simone

Dopo di te, il rosso non è piu rosso. L’azzurro del cielo non è più azzurro.
Gli alberi non sono più verdi. Dopo di te, devo cercare i colore dentro la nostalgia che ho di noi.
Dopo di te, ripiango persino i dolori che ci faceva timidi e clandestini.
Ripiango le attese, le rinunce...
I messaggi cifrati...i nostri sguardi rubati in mezzo a un mondo di ciechi...
Che non volevano vedere...perché se avessero visto, saremmo stati la loro vergogna, il loro odio, la loro crudeltà.
Ripiango di non aver avuto ancora il coraggio di chiederti perdono.
Per questo, non posso più nemmeno guardare dentro la tua finestra. Era lí che ti vedevo sempre quando ancora non sapevo il tuo nome...e tu sognavi un mondo migliore in cui non si può proibire ad un albero di essere albero...e all’azzurro di diventare cielo.
Non so se questo è un mondo migliore ora che nessuno mi chiama più Davide...
Ora che mi sento soltanto chiamare Signor Veroli
Come posso dire che questo è un mondo migliore...
Come posso dirlo senza di te?

ANEXO 2. Canzone: GOCCE DI MEMORIA (dal film "La finestra di fronte")

Sono gocce di memoria
Queste lacrime mi muove
Siamo anime in una storia
Incancellabile
Le infinite volte che
Mi verrai a cercare
Nelle mie stanze vuote
Inestimabile
Inafferrabile
La tua assenza che mi appartiene
Siamo indivisibili
Siamo uguali fragili
Siamo già così lontani

Con il cielo nella mente
Sto correndo verso te
Siamo nella stessa sorte
Che tagliante ci cambierà
Aspettiamo solo un segno
Un destino un'eternità
E dimmi come posso fare
Per raggiungerti adesso
Per raggiungerti adesso
Per raggiungere a te

Siamo gocce di un passato
Che non può più tornare
Questo tempo ci ha tradito
È inafferrabile
Racconterò di te
Inventerò di te quello che non abbiamo
Le promesse sono in fronte
Come pioggia su di noi
Le parole sono stanche
So che tu mi ascolterai
Aspettiamo un'altro viaggio
Un destino, una verità
E dimmi come posso fare
Per raggiungerti adesso
Per raggiungerti adesso
Per raggiungere a te

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo